

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DO CERES  
BACHARELADO EM HISTÓRIA

JOADSON VAGNER SILVA

**APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA INDÍGENA NA SERRA DE  
SANTANA – RN, SÉCULOS XVII E XVIII**

CAICÓ  
2015

JOADSON VAGNER SILVA

**APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA INDÍGENA NA SERRA DE  
SANTANA – RN, SÉCULOS XVII E XVIII**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História, do Centro de Ensino Superior do Seridó, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Professor Dr. Fabio Mafra.

CAICÓ  
2015

APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA INDÍGENA NA SERRA DE SANTANA –  
RN, SÉCULOS XVII E XVIII

Monografia julgada e aprovada para obtenção do grau de **Bacharel em História** no **Curso de Graduação em História**, do Centro de Ensino Superior do Seridó, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Caicó, 09 de junho de 2015.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Fabio Mafra Borges (UFRN)**  
**Orientador**

---

**Prof. Dr. Helder Alexandre Medeiros de Macedo (UFRN)**  
**Examinador**

---

**Prof. Dr. Muirakytan Kennedy de Macêdo (UFRN)**  
**Examinador**

À minha família, que tudo  
fez para que eu pudesse  
estudar.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar à minha família: minha mãe Valma, meu pai Valdecir, meus irmãos Valdiney e Valkíria. Obrigado pelo apoio – de desde antes do início da graduação – para que eu conseguisse estudar. Meu irmão mais novo, Luiz Victor, desculpa por não poder estar sempre presente na sua infância. Um dia retribuo o que vocês fizeram por mim.

A família dos meus avós maternos, vó Amélia, vó Inácio, e tio Leandro, pela acolhida no início do curso, em Cruzeta, sem esquecer claro, do apoio de todas as tias, tios, primos e primas.

A minha namorada, Rafaela, pelo companheirismo e por estar ao meu lado nos momentos bons e nos de aperreio. Pela ajuda nos estudos para o vestibular UFRN/2010, pela força quando vim para Caicó, mesmo sabendo que isso iria ocasionar na distância. Obrigado por estar sempre à disposição quando precisei de sua ajuda nos estudos. Você me motiva à buscar o conhecimento.

Ao meu orientador, Fabio Mafra, por ter me apresentado os Tarairiú; a Arqueologia e a História Indígena, enquanto áreas de estudo voltadas para entender o Seridó. Pela contribuição com o conhecimento passado desde o início do curso, tanto nas disciplinas ministradas, quanto nas orientações do que escrevemos juntos. Por ter, como você diz: “colocado o espelho”, quando eu escrevia “invertido”. Pela disponibilidade em me orientar todas as vezes que precisei, nem que fosse por e-mail ou telefone. Haa! e claro, por ter tornado as orientações mais agradáveis, com seu bom humor. Este trabalho, sem dúvida, tem muito de você.

Ao professor Helder Macedo, por ter refinado minhas ideias no pré-projeto e projeto de pesquisa – principalmente no que diz respeito ao alargamento do recorte espacial: de São Vicente para a Serra de Santana. Pela disposição em tirar dúvidas a qualquer hora do dia e da noite e pelas sugestões de bibliografias e empréstimo das que dispunha.

Ao senhor Cícero Gundim, pelas aulas sobre a história e a memória de São Vicente e pela disposição em emprestar seu acervo bibliográfico.

Há todos os outros professores e ex-professores do Departamento de História do CERES/UFRN com os quais tive aula (por ordem alfabética): Aletusya Benevides, Almir Bueno, Antônio Elíbio, Auxiliadora, Douglas Araújo, Edianne Nobre, Emerson Neves, Hugo Romero (*in memoriam*), Jailma Lima, Joel Andrade, José Júnior, Juciene

Andrade, Lourival Andrade, Kyara Almeida, Muirakytan Macedo, Rosenilson Santos, Ubiratan Soares, Valdemar Neto e Rubson Maia, ex-professor do Departamento de Geografia do CERES/UFRN, com o qual paguei a disciplina Geologia Geral.

Queria partilhar esse momento de agradecimentos com meus colegas de turma: vocês partilharam comigo desde os momentos de aperreio – com as provas, seminários e os muitos textos – até as resenhas nos corredores e no *Face*. Os que concluíram ou estão por concluir são um pequeno testemunho, nem parece aquela imensa turma (com 45 participantes) do nosso primeiro dia de aula, 21 de fevereiro de 2011.

Queria agradecer também aos ensinamentos arqueológicos, seja de campo ou laboratório, de Mônica Nogueira, Arnaldo Oliveira, Daniel Luna, João Moreira, Alberto Oliveira e ao já citado Fabio Mafra. E ao companheirismo de Adriano Campelo, Danilo Cézár, José Evangelista, Jorge Oliveira, Isaiane Salvina, Paulo Sérgio e Henrique Roque (ao qual também agradeço pelo mapa).

Haaa! já ia me esquecendo da galera da Residência Mista de Caicó... mentira, eu nunca iria esquecer de vocês, vocês são inesquecíveis, fazem parte também, sem dúvida, da minha formação. Com vocês dividi bons e maus momentos, compartilhamos conhecimentos e o companheirismo não faltou. Alguns considero verdadeiros irmãos e quero levar a amizade para a vida toda. Vou citar o nome dos mais próximos – espero não esquecer alguém – primeiro a “Velha Guarda”: Denir Azevedo, Josenildo Lopes, Ronnilo Azevedo, Diego Silva (desculpa cara, por ter te aperreado tanto), Alexsander Dantas, Jardeline Assis, Denizy Lopes, André Nascimento, Marcelo Silva, Tábatta Murielly, Geraldo Sobrinho, Dênis Azevedo, José Marcelino, Jucylânio Melo, Fabiano Diniz, Hugo Alves, Matheus Medeiros, Tarley Braga, Dorgivan Araújo, Wagner Cavalcanti, Anderson Silva, Thárcio Moura, Deyvid Anderson, João Paulo, João Batista Félix, Magno Maciel. Aqui cabe também citar o eterno residente Sebatião Cosme, o qual merecia um parágrafo a parte só pela nossa amizade, obrigado Tião pelas dicas para a vida e para a academia, você é um exemplo para mim. Agora segue a lista dos residentes que entraram depois de mim: Artur Breno, Dionísio Neto, Frank Oliveira, Rosangela Oliveira, Janaína Costa, Bismark Nascimento, Iramar Ferreira, Iritan Ferreira, Joacir de Lima, Luiz Neto. Obrigado gente, por ter deixado minha permanência na Residência mais agradável. Confesso que ia colocar na frente dos nomes de alguns de vocês um parêntese com o apelido, mas me agüentei e não fiz isso. Alguns já não vejo mais com tanta frequência, mas nossa convivência, nossas lutas por

melhorias, nosso jogo de bola no lendário Poirão e nossas *resenhas* estão guardadas na minha memória.

## RESUMO

Sobre a região da Serra de Santana – RN, a historiografia regional e local identifica como Kariri as populações indígenas que ali habitavam e entraram em contato com as frentes pecuaristas, nos séculos XVII e XVIII. Contudo, a produção historiográfica recente evidencia a presença de populações Tarairiú habitando a região Seridó, enquanto os estudos arqueológicos demonstram que existiram ocupações de grupos portadores de cerâmica Tupinambá na Serra de Santana. Da mesma forma, o relato de Roulox Baro, proveniente do período holandês indica a presença de duas populações nativas: os Tarairiú/Tapuia e os Tupi/Brasilianos. Portanto, o objetivo desse trabalho é identificar, através da análise etnohistórica, quais os grupos indígenas que foram contatados por Roulox Baro, em meados do século XVII, e pelas frentes pecuaristas, em finais desse século até o início do século XVIII, na atual região da Serra de Santana. Buscou-se também (1) averiguar se havia mais de um grupo indígena na época de contato com os colonizadores. Da mesma forma que (2) investigou-se, como se deu o processo de encobrimento e desaparecimento dos índios na historiografia local e regional. Como fonte principal foi utilizado o relato de Roulox Baro, sendo o mesmo analisado à luz de bibliografias comentadas.

**Palavras-chave:** Serra de Santana. História indígena. Encobrimento. Desaparecimento.



## ABSTRACT

About the region of the Serra de Santana – RN, regional and local historiography identifies as Kariri the indigenous populations who lived there and made contact with the ranchers fronts, in the centuries XVII e XVIII. However, the recent historiographic production evidences the presence of populations Tarairiú inhabiting the region Seridó, while archaeological studies show that there were occupations bearers groups of ceramic Tupinambá in the Serra de Santana. The same way, the report of Roulox Baro, coming from the dutch period indicates the presence of two native populations: the Tarairiú/Tapuia e os Tupi/Brasilianos. Therefore, the objective of this work is to identify, Analysis by etnohistórica, which indigenous groups who were contacted by Roulox Baro, by mid-century XVII, and the ranchers fronts, at the end of this century to the beginning of the century XVIII, the current region Serra de Santana. also sought to (1) see if there were more of an indigenous group in the contact time with the colonizers. The same way (2) was investigated, how was the process of concealment and disappearance of the Indians in the local and regional historiography. As the main source we used the report Roulox Baro, being analyzed the same light annotated bibliographies.

**Palavras-chave:** Serra de Santana. Indigenous history. Cover-up. Disappearance.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEMA	Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte
NEA/UFPE	Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco
RN	Rio Grande do Norte
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
SEPLAN	Secretaria de Estado do Planejamento e das Finanças

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1** – Fragmentos cerâmicos relacionados à cerâmica Tupinambá, encontrados na superfície do sítio arqueológico Serra Nova I, Florânia-RN. **Fonte:** BERTRAND & NETO. 2005. p. 62.

3838

**Figura 2** – Vasilha cerâmica encontrada pela população local, pertencente à Tradição Tupinambá. Sítio arqueológico Aldeia da Serra de Macaguá I, Tenente Laurentino Cruz-RN. **Fonte:** NOGUEIRA, 2011, p. 93. 38

**Figura 3** – Obras de Allber Eckhout, à esquerda *Homem Tapuia*, e à direita *Mulher Tapuia*. *Ambos* de 1641. **Fonte:** CHICANGANA-BAYONA, 2008. p. 607. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/vh/v24n40/16.pdf>>. Acesso dia: 03 out. 2014. 40

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 HISTÓRIA INDÍGENA.....</b>	<b>19</b>
2.1 A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE AS POPULAÇÕES INDÍGENAS: NO CONTEXTO NACIONAL, NA REGIÃO NORDESTE E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE .....	20
2.1.1 Contexto nacional.....	20
2.1.2 Na região Nordeste .....	22
2.1.3 No Estado do Rio Grande do Norte.....	24
<b>2.2 HISTORIOGRAFIA REGIONAL E LOCAL DA SERRA DE SANTANA .....</b>	<b>26</b>
2.2.1 Cerro-Corá.....	26
2.2.2 Currais Novos .....	27
2.2.3 Lagoa Nova .....	28
2.2.4 São Vicente.....	29
2.2.5 Santana do Matos .....	30
<b>2.3 PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NA SERRA DE SANTANA.....</b>	<b>31</b>
2.3.1 Florânia.....	31
2.3.2 São Vicente e Tenente Laurentino Cruz.....	33
2.3.3 Santana do Matos .....	34
<b>3 POPULAÇÕES INDÍGENAS TUPI E TARAIRIÚ NA SERRA DE SANTANA, SÉCULOS XVII E XVIII .....</b>	<b>35</b>
3.1 Tupi.....	36
3.2 Tarairiú .....	40
3.3 Espacialidade Tupi e Tarairiú na Serra de Macaguá/Santana .....	44
3.4 Conquista e colonização da Serra de Santana, séculos XVII e XVIII.....	45
3.5 Inserção dos índios à sociedade colonial da Serra de Santana, século XVIII .....	47
3.6 Encobrimento e “desaparecimento” .....	51
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>54</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>59</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>67</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>69</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A 19 [de maio de 1647] cheguei à Serra de Montagina, habitada até pouco por brasileiros<sup>1</sup>, mas na aldeia encontravam-se apenas um ancião e duas velhas, que me disseram não estar ali seu chefe ou principal, dito Diego; mandei procura-lo [*sic.*] por um rapazinho que o conduziu até mim, à tardinha. Disse-me que Janduí<sup>2</sup> lhe dera esse lugar para nele habitar com os seus, mas o mesmo não era seguro contra os seus inimigos, motivo por que era obrigado, ao primeiro ruído de guerra, a abandoná-la e fugir para o mato<sup>3</sup>.

Com essas palavras o emissário da Companhia das Índias Ocidentais, Roulox Baro, relata sua chegada à Serra de Macaguá. Tinha como principal objetivo, nessa viagem ao *País dos Tapuias*<sup>4</sup>, reatar a aliança com Janduí, estremecida pela morte de Jacob Rabe: o primeiro emissário da Companhia das Índias Ocidentais entre os Tarairiú, o qual desenvolveu uma íntima relação com Janduí, o “Rei dos Tapuias”, chegando a liderar as tropas do mesmo, as quais fornecia armas e cavalos<sup>5</sup>. Foi assassinado por seus próprios conterrâneos, porque comandou uma tropa Tarairiú nas chacinas do Engenho do Cunhaú e Porto de Uruaçu, no litoral na Capitania do Rio Grande<sup>6</sup>. No engenho foram mortos quase todos os moradores, que participavam de uma missa<sup>7</sup>. Já em Uruaçu foi assassinado o francês João

---

<sup>1</sup> No relato de Baro os Tupi foram chamados de *brasilianos* – da mesma forma que em outras crônicas do período colonial – enquanto que os Tarairiú foram denominados de *tapuias* (TEENSMA, Benjamin N. O Diário de Rodolfo Baro (1647) como Monumento aos Índios Tarairiú do Rio Grande do Norte. In: ALMEIDA, Luiz S. de; GALINDO, Marcos e ELIAS, Juliana L. (orgs.). **Índios do Nordeste: temas e problemas 2**. Maceió: EDUFAL, 2000, p. 81 – 89).

<sup>2</sup> Janduí era o principal dos Tarairiú. Esse termo também designava um dos grupos Tarairiú, os Janduí (HERCKMAN, Elias. Descrição geral da Capitania da Paraíba (1639). **Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano**, Tomo V, n. 31, p. 239-288. Recife: Typographia Industrial, 1886).

<sup>3</sup> MOREAU, Pierre; BARO, Roulox. **História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses & relação da viagem ao país dos Tapuias**. São Paulo: Editora Itatiaia, 1979. p. 97.

<sup>4</sup> Expressão utilizada para designar os territórios ocupados pelos Tarairiú (MOREAU, Pierre; BARO, Roulox. Op. cit.).

<sup>5</sup> PIRES, Maria Idalina da Cruz. **Guerra dos Bárbaros: resistência e conflitos no Nordeste Colonial**. Recife: Secretaria de Cultura, 1990; POMPA, Maria Cristina. **Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuias no Brasil colonial**. Bauru: EDUSC, 2003; PUNTONI, Pedro. **A Guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão Nordeste do Brasil, 1650-1720**. 1998. 200f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998; TEENSMA, Benjamin N. Op. cit.; SANTOS JÚNIOR, Valdeci dos. **Os índios Tapuias do Rio Grande do Norte: antepassados esquecidos**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2008; BORGES, Fabio Mafra. **Os sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro: caracterização de um padrão de assentamento na Área Arqueológica do Seridó – Carnaúba dos Dantas - RN, Brasil**. 2010. 322 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de pós-graduação em Arqueologia, UFPE, Recife, 2010; MACEDO, Helder Alexandre M. **Populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte: história e mestiçagens**. Natal: EDUFRN, 2011.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> PIRES, Maria Idalina da Cruz. **Guerra dos Bárbaros: resistência e conflitos no Nordeste Colonial**. Recife: Secretaria de Cultura, 1990; POMPA, Maria Cristina. **Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuias no Brasil colonial**. Bauru: EDUSC, 2003; PUNTONI, Pedro. **A Guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão Nordeste do Brasil, 1650-1720**. 1998. 200f. Tese (Doutorado em História Social) –

Lostão de Navarro, sogro de Joris Garstman, oficial holandês comandante do Castelo Ceulen – denominação holandesa para o Forte dos Reis Magos – e depois assassino de Rabe<sup>8</sup>.

Em seu relato, Baro menciona populações indígenas habitando a Serra de Macaguá<sup>9</sup>. Os *Brasilianos* e os *tapuias*<sup>10</sup> são os grupos citados pelo cronista, o que vai de encontro com a maior parte da produção historiográfica acerca da Serra de Santana, a qual aponta os Kariri como sendo o grupo indígena que habitava esse espaço, no período em que os colonizadores chegaram, como será visto no decorrer deste trabalho.

Considerando-se essas informações discordantes, o problema que deu início a esta monografia foi: quais os grupos indígenas que ocupavam os territórios atualmente correspondentes à região da Serra de Santana, no período em que os europeus e seus aliados indígenas, assim como os mestiços desses, iniciaram o processo de conquista e colonização desse espaço, desde meados do século XVII até o início do século XVIII?

Entende-se por Serra de Santana, neste trabalho, o espaço que corresponde atualmente a microrregião de mesmo nome, na mesorregião Central, estado do Rio Grande do Norte. Composta por seis municípios: Cerro-Corá, Florânia, Lagoa Nova, São Vicente, Santana do Matos e Tenente Laurentino Cruz.<sup>11</sup> Além desses, foi incluído também o município de Currais Novos – da microrregião Seridó Oriental – pelo fato do

Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998; TEENSMA, Benjamin N. O Diário de Rodolfo Baro (1647) como Monumento aos Índios Tarairiú do Rio Grande do Norte; SANTOS JÚNIOR, Valdeci dos. **Os índios Tapuias do Rio Grande do Norte: antepassados esquecidos**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2008; BORGES, Fabio Mafra. **Os sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro: caracterização de um padrão de assentamento na Área Arqueológica do Seridó – Carnaúba dos Dantas - RN, Brasil**. 2010. 322 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de pós-graduação em Arqueologia, UFPE, Recife, 2010; MACEDO, Helder Alexandre M. **Populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte: história e mestiçagens**. Natal: EDUFRN, 2011.

<sup>8</sup> MACEDO, Helder Alexandre M. **Populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte: história e mestiçagens**.

<sup>9</sup> Benjamin Teensma chegou à conclusão de que a Serra de Montagina, presente na transcrição e tradução de Pierre Moreau, significa Serra de Acauã ou Macaguá. Ambas as denominações do maciço são em Tupi e fazem alusão ao nome de uma ave de rapina (*Herpetotheres cachinnans*), típica da região em questão. Serra de Santana é a denominação do século XVIII dada pelos colonizadores (TEENSMA, Benjamin N. Op. Cit.).

<sup>10</sup> É de fundamental importância mencionar que o termo *tapuia* é errôneo do ponto de vista etnográfico. Pois, toma por base a denominação que os indígenas falantes do Tupi davam àqueles que não falassem a sua língua, significando: inimigo ou moradores do oeste (MARTIUS, Carl F. P. von, 1982. **Como se deve escrever a história do Brasil** (1845) In: **O Estado do Direito entre os Autóctones do Brasil**. Tradução Alberto Löfgren, São Paulo e Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1982. p. 85-107. (Série Reconquista do Brasil, n.s., 58; POMPEU SOBRINHO, Thomas. Os Tapuias do Nordeste e a monografia de Elias Herckman. In: **Revista do Instituto do Ceará**, t. XLVIII, pp. 07-28. Fortaleza: 1934). Assim, essa denominação abrange uma grande diversidade étnica, na maior parte das vezes perdida nos registros históricos.

<sup>11</sup> INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E MEIO AMBIENTE DO RIO GRANDE DO NORTE (IDEMA); SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E DAS FINANÇAS (SEPLAN). **Perfil do Rio Grande do Norte – 2013**. Disponível em: <<http://www.seplan.rn.gov.br/arquivos/download/PERFIL%20DO%20RN.pdf> :>. Acesso dia: 06 out. 2014).

mesmo conter territórios que compõe nosso recorte espacial, apesar de não fazer parte da microrregião da Serra de Santana.

Como fonte principal foi utilizado o próprio relato de Roulox Baro, produzido na incursão que o mesmo fez, em 1647, ao “País dos Tapuias”. Desse texto só nos resta uma cópia traduzida para o francês por Pierre Moreau (publicada em Paris, em 1651). O original em holandês se perdeu. Utilizou-se a edição brasileira de 1979<sup>12</sup>. O relato de Baro é mais detalhado do ponto de vista da cultura e da organização social dos Tarairiú, isso por que o cronista foi criado desde os sete anos de idade, numa aldeia Tupinambá no Rio de Janeiro, devido ao naufrágio do navio holandês em que era grumete, no ano de 1617<sup>13</sup>. Por esse motivo, sua crônica apresenta uma familiaridade maior com os hábitos e costumes descritos<sup>14</sup>.

O objetivo geral deste trabalho foi: identificar, através de análises documentais e bibliográficas, quais e quantos grupos indígenas foram contatados por Roulox Baro, em meados do século XVII, e pelas frentes pecuaristas luso-brasileiras – em finais desse século até a segunda metade do século XVIII – na atual região da Serra de Santana. O objetivo específico, por sua vez, foi: investigar como se deu o processo de encobrimento e desaparecimento dos índios na historiografia local e regional da Serra de Santana.

No que diz respeito à verificação do problema proposto, foi levantada a seguinte hipótese: os grupos indígenas que povoaram a região atualmente correspondente a Serra de Santana eram os Tupi, nas chãs do maciço, bem como as populações Tarairiú<sup>15</sup>, na depressão sertaneja circundante, planícies e vales. É importante mencionar que a denominação Tarairiú foi utilizada somente pelos cronistas holandeses. Não sendo reportado a esse termo na documentação oriunda das autoridades portuguesas. Esta falam de *tapuias*, ou pelo nome dos subgrupos, a exemplo dos *Janduí*, *Canindé*, *Pega*, *Jenipapo*, *Kamaçu* e *Tucuriju*.

Quanto à organização do trabalho, a seguir será elencada a dimensão, abordagem e domínio do mesmo. No tocante à dimensão, a pesquisa teve como enfoque

---

<sup>12</sup> MOREAU, Pierre; BARO, Roulox. **História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses & relação da viagem ao país dos Tapuias.**

<sup>13</sup> TEENSMA, Benjamin N. O Diário de Rodolfo Baro (1647) como Monumento aos Índios Tarairiú do Rio Grande do Norte.

<sup>14</sup> BORGES, Fabio Mafra. **Os sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro:** caracterização de um padrão de assentamento na Área Arqueológica do Seridó – Carnaúba dos Dantas - RN, Brasil.

<sup>15</sup> MEDEIROS FILHO, 1998 *apud* MACEDO, Helder Alexandre M. **Populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte:** história e mestiçagens. 2011.

também a Etnohistória, tendo em vista que se pretende analisar o tema a partir do olhar colonizador europeu,<sup>16</sup> que está presente nos relatos. Em relação à abordagem utilizou-se também a Etnohistória, a qual, segundo Osvaldo Silva Galdames<sup>17</sup>, Jorge Eremites de Oliveira<sup>18</sup> e Thiago Cavalcante<sup>19</sup> pode ser considerada uma metodologia, na medida em que busca, através dos registros históricos, as fontes para a construção da história dos grupos ágrafos – que entraram em contato com outros letrados<sup>20</sup>. Por fim, o domínio temático no qual esse trabalho se enquadra é a História Indígena, pois focou nessa parcela da população colonial da Serra de Macaguá/Santana.

Como conceitos norteadores, foram empregados: (1) encobrimento e (2) desaparecimento. Por encobrimento entende-se, de acordo com Ricardo Pinto de Medeiros, as generalizações pelas quais passaram os grupos indígenas nas classificações do período colonial, no espaço que hoje compreende a região Nordeste do Brasil. Isto, na documentação burocrática portuguesa ou nos relatos dos cronistas, a serviço de Portugal ou da Companhia das Índias Ocidentais<sup>21</sup>.

A utilização do conceito de encobrimento justifica-se pelo fato de que, na maior parte da historiografia local e regional dos municípios, ou da região da Serra de Santana, verificou-se que os grupos indígenas ou são classificados de forma errônea ou generalizada, ou, ainda, nem mesmo são mencionados. Sendo utilizados os designativos índios, indígenas, Kariri, Tapuia e Tapuio<sup>22</sup>.

---

<sup>16</sup> Apesar de Roulox Baro ser um cronista diferenciado por ter sido criado numa aldeia Tupi, não apresentado, assim, um olhar tão aguçado de superioridade, o qual se fez presente na maioria dos textos de outros colonos que escreveram sobre os indígenas. (TEENSMA, Benjamin N. Op. cit.; BORGES, Fabio Mafra. Op. cit.; MACEDO, Helder Alexandre M. de. 2011. Op. cit.).

<sup>17</sup> GALDAMES, Osvaldo Silva. ¿Etnohistoria o historia indígena? **Encuentro de Etnohistoriadores**. Santiago, Universidad de Chile, 1988. p. 7 – 9.

<sup>18</sup> OLIVEIRA, Jorge Eremites de. Sobre os conceitos de etnoistória e história indígena: uma discussão ainda necessária. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa, PB. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2003. Disponível em: < <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.341.pdf> >. Acesso dia: 03 jan. 2014.

<sup>19</sup> CAVALCANTE, Thiago L. V. Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa. In: **História (São Paulo)**, v. 30, n. 1. Jan/jun. pp. 349-371. São Paulo: UNESP, 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/his/v30n1/v30n1a17.pdf> >. Acesso dia: 03 jan. 2014.

<sup>20</sup> Da mesma forma Etnohistória pode ser considerada como a história de uma determinada etnia, sendo, portanto, sinônimo de História Indígena, apesar de índio/indígena não ser etnônimo. (GALDAMES, Osvaldo Silva. ¿Etnohistoria o historia indígena?; OLIVEIRA, Jorge Eremites de. Sobre os conceitos de etnoistória e história indígena: uma discussão ainda necessária; CAVALCANTI, Thiago L. V. Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa).

<sup>21</sup> MEDEIROS, Ricardo Pinto de. **A redescoberta dos outros: povos indígenas do sertão nordestino no período colonial**. 2000. 280f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

<sup>22</sup> Ressalvas devem ser feitas ao trabalho de Iaponan Soares, o qual aponta que “Os mais antigos moradores da região foram índios Panatis [*sic.*] [...]” (SOARES, Iaponan. Notas à margem da história de São Vicente. In: ARAÚJO, Iaperi *et al.* **Cidade de São Vicente: vida e memória**. Natal: EDUFRN, 1997. p. 23). Os Panati, de acordo com Olavo de Medeiros Filho, era uma das populações que compunham o



Desaparecimento, por sua vez, foi discutido por Maria Sylvania Porto Alegre<sup>23</sup>. Esse conceito foi formulado para explicar a desorganização das sociedades indígenas e justificar a expropriação de suas terras, seja pela sociedade colonial ou pela brasileira<sup>24</sup>. Pode ser redefinido, para o propósito desse trabalho, da seguinte maneira: os índios mesmo estando presentes na documentação colonial, não foram tomados como sujeitos na construção da história oficial, o que dá o sentido de desaparecimento<sup>25</sup>. A utilização desse conceito é justificada pelo fato de que, mesmo existindo documentos coloniais que mencionam a presença de índios, a maior parte da produção historiográfica na Serra de Santana deixa de abordar os mesmos como sujeitos históricos.

Quanto à justificativa, esta monografia procurou suprir uma lacuna que existe em relação a História Indígena na Serra de Santana. Sendo esta lacuna preenchida, pelo menos parcialmente, as pesquisas arqueológicas e históricas que vem sendo realizadas sobre a região Seridó, nas duas últimas décadas, seriam complementadas. No que diz respeito à pertinência do tema, a História Indígena é cada vez mais valorizada no cenário nacional, na medida em que se tenta iluminar os diversos atores sociais que formaram a sociedade brasileira. Do ponto de vista social, o presente trabalho justifica-se por evidenciar uma parte, na maioria das vezes esquecida, dos ancestrais da população que atualmente vive na região da Serra de Santana.

O trabalho foi dividido em três capítulos – além desta *Introdução*. O primeiro capítulo foi dividido em quatro segmentos, nos quais foi realizada uma revisão bibliográfica acerca da História Indígena. Na primeira parte apresentou-se uma revisão bibliográfica sobre o surgimento da História Indígena, quando as culturas ágrafas também passaram a ter história. A segunda por sua vez dedicou-se a um balanço sobre a História Indígena produzida no contexto nacional brasileiro. A terceira parte, relativa a essa mesma temática, enfatizou a produção historiográfica na região Nordeste do Brasil. E a quarta, refere-se a essa produção, no Rio Grande do Norte.

No segundo segmento do primeiro capítulo, fez-se uma revisão bibliográfica da temática indígena na Serra de Santana. Este foi dividido pelos municípios que compõe o recorte espacial aqui trabalhado. Já na terceira e última porção do primeiro

---

grupo dos Tarairiú (MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Índios do Açu e Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1984).

<sup>23</sup> PORTO ALEGRE, Maria Sylvania. Cultura e História: sobre o desaparecimento dos povos indígenas. **Revista de Ciências**, v. 23/24, n. 1/2, p. 213-25, 1992/1993, Fortaleza.

<sup>24</sup> PORTO ALEGRE, Maria Sylvania. Cultura e História: sobre o desaparecimento dos povos indígenas.

<sup>25</sup> Idem

capítulo, elaborou-se um balanço das pesquisas arqueológicas desenvolvidas na Serra de Santana, sendo este dividido, também, pelos municípios que compõem a região.

O terceiro capítulo apresenta os resultados desse trabalho e foi dedicado a tratar dos grupos indígenas Tupi e Tarairiú, cruzando os conhecimentos etnohistóricos dessas populações com os dados obtidos no levantamento e análise da bibliografia relacionada ao nosso recorte temático. Este capítulo foi dividido em cinco segmentos. No primeiro foi feita uma revisão sobre a produção etnográfica e historiográfica existente acerca dos Tupi, enfocando nas hipóteses para as origens do povoamento dessa população no recorte espacial proposto. Da mesma forma, na segunda parte do capítulo em questão, foi realizado um balanço que visou a produção etnohistórica e historiográfica existente sobre os Tarairiú. Na terceira fração do terceiro capítulo, abordou-se a espacialidade Tupi e Tarairiú na Serra de Santana. Na quarta enfatizou-se na conquista e a colonização da Serra de Santana, as quais ocorreram no final do século XVII até a segunda metade do século XVIII. Nos dois últimos segmentos, ainda do segundo capítulo, abordou-se respectivamente a inserção dos índios na sociedade colonial da Serra de Santana, durante o século XVIII, o e o encobrimento e desaparecimento dessas populações, na bibliografia histórica regionalista e local, produzida posteriormente.

O trabalho foi finalizado com uma conclusão na qual retomou-se o problema levantado, demonstrando as hipóteses, suas verificações propostas, e os desdobramentos possíveis das corroborações obtidas.

## 2 HISTÓRIA INDÍGENA

A temática que aborda a percepção dos povos indígenas como sujeitos influentes nos processos históricos, sistematiza-se na produção historiográfica ocidental, a partir da década de 1970. Essa inserção começou com a primeira geração dos *Annales*, quando foi abandonada a ideia de que História se faz somente a partir de fontes escritas, passando pelo diálogo com a Antropologia e a Arqueologia, e culminando com a entrada de sujeitos e grupos sociais minoritários na produção historiográfica.

A mudança de perspectiva é assinalada como um verdadeiro processo por Henri Moniot, no texto *A história dos povos sem história*<sup>26</sup>. Esse artigo mostra o contexto historiográfico francês, em meados dos anos 1970<sup>27</sup>, quando a academia estava passando a produzir a história dos não europeus, sem que necessariamente houvesse a presença de documentos escritos ou dos colonizadores dominando as populações ágrafas<sup>28</sup>.

Antes disso, no que diz respeito ao conhecimento acadêmico, cabia à História analisar as sociedades possuidoras de escrita, enquanto àquelas que haviam deixado apenas os vestígios de sua cultura material eram objeto de estudo da Arqueologia<sup>29</sup>. À Antropologia, por fim, teria como objeto de estudo as sociedades vistas como em estágio de desenvolvimento atrasado ou paradas no tempo, em seu “[...] presente etnográfico [...] que ainda se oferecia ao exame antes de desaparecer”<sup>30</sup>. Da mesma forma, Moniot evidencia também a demora que os historiadores de formação acadêmica, tiveram para produzir estudos sobre as sociedades ágrafas<sup>31</sup>.

No entanto, em outras áreas das Ciências Humanas, como a Antropologia, a Arqueologia, a Linguística, a Sociologia, ou mesmo nos textos de historiadores eruditos, a história dos “povos sem história” já era, há bastante tempo, discutida e tomada como objeto para estudos consistentes.

---

<sup>26</sup> MONIOT, Henri. A história dos povos sem história. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). **História: novos problemas**. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 99-112.

<sup>27</sup> A primeira edição francesa do livro *Faire de l'histoire: nouveaux problèmes* – traduzido no Brasil como, *História: novos problemas* – é de 1974 (LE GOFF, Jacques; NORA, Jacques (dir.). **Faire de l'histoire: nouveaux problèmes**. Éd. Gallimard: Paris, 1974).

<sup>28</sup> MONIOT, Henri. 1988. Op. cit.

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> Idem. p. 100.

<sup>31</sup> Idem.

Passando a tratar mais especificamente da História Indígena – ou do ofuscamento desta – dividimos esse item em dois tópicos, (1) a História Indígena produzida por autores que tinham/têm pretensão em abordar a formação da sociedade brasileira, nordestina e norte-rio-grandense; e (2) as obras regionalistas que tomaram/tomam por objeto a história da Serra de Santana, ou dos municípios que compõem essa região.

## 2. 1 A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE AS POPULAÇÕES INDÍGENAS: NO CONTEXTO NACIONAL, NA REGIÃO NORDESTE E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

### 2.1.1 Contexto nacional

Antes de iniciar as ponderações acerca do contexto nacional é pertinente ser observado que no continente americano, é a partir da década de 1970, com a emergência política e a etnogênese de grupos indígenas<sup>32</sup>, que ocorreu o processo já explicado anteriormente: o elemento indígena, que antes fora renegado pela historiografia tradicional (elaborada por descendentes das antigas elites coloniais) passa a constar não somente nas produções arqueológicas e antropológicas, mas também nas historiográficas.

É de fundamental importância para o citado contexto, o vínculo estabelecido entre a História Indígena e a metodologia da Etnohistória. Pois, passaram-se a considerar as culturas das sociedades nativas da América, no momento do contato com os europeus, bem como, as mudanças decorridas desse. Isto é o que aborda Osvaldo Silva Galdames, no texto *Etnohistória ou História Indígena?*<sup>33</sup>.

No contexto brasileiro, até a década de 1970, os grupos indígenas eram vistos como estando em processo de aculturação<sup>34</sup>, devido à marcha da civilização que iria

---

<sup>32</sup> Etnogênese, de acordo com João Pacheco de Oliveira, seria tanto o processo de emergência de novas identidades como o ressurgimento de etnias já reconhecidas (OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. “Uma etnologia dos ‘índios misturados’? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais”. **Mana. Estudos de Antropologia Social**, 4(1): 47-77, 1998).

<sup>33</sup> GALDAMES, Osvaldo Silva. ¿Etnohistoria o historia indígena?.

<sup>34</sup> Ideia de que haviam perdido seus referenciais culturais e absorvido os valores dos europeus. A noção de aculturação como um processo de mão única é questionado por Nathan Wachtel. Na medida em que, para esse autor “[...] existe um processo inverso, pelo qual a cultura indígena integra os elementos

agregá-los. Desde o final do século XIX até o início do XX, existiam seções do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) destinadas à publicação de artigos relacionados a Arqueologia e a Etnologia. Nessas eram glorificados os índios do passado, enquanto que as populações nativas contemporâneas eram tidas como parados no tempo, na pré-história, ou então aculturados, por isso mereciam poucos estudos. Desse período provêm os trabalhos de Martius<sup>35</sup> e Varnhagen<sup>36</sup>. Os reflexos desse contexto duraram, mais enfaticamente, até a metade do século XX. Contudo, alguns pesquisadores se mostraram pioneiros, realizando importantes estudos sobre a contribuição das populações indígenas para a formação da sociedade brasileira.

Ainda na primeira metade do século XX, João Capistrano de Abreu escreveu sobre a história das populações indígenas, mesmo antes da consolidação da metodologia etnohistórica na academia. Merecem ser destacados os livros *Capítulos de história colonial* e *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*<sup>37</sup>.

A década de 1970 tem por clássico o livro *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*<sup>38</sup>, no qual Darcy Ribeiro explica que o processo de inserção dos nativos na sociedade nacional era um curso inevitável. No entanto, a lógica do livro de Ribeiro pode ser entendida se observamos o contexto da época: o de abertura de novas fronteiras no país, como vastas áreas do Centro-Oeste e da Amazônia, e a substituição dos territórios indígenas tradicionais por cidades, hidrelétricas, plantios e rodovias levou diversas populações indígenas, quando não à morte, a entrada na sociedade brasileira.

Contudo, a partir dos anos 1980 houve a emergência sistemática de movimentos indígenas no Brasil, o que ocasionou – perante o texto constitucional de 1988 – na consolidação de políticas conservacionistas, como delimitações de terras e parques

européus sem perder suas características originais”. (WACHTEL, Nathan. A aculturação. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 114). Além disso, os colonizadores também foram influenciados pelas culturas nativas, sendo portanto, a “aculturação”, um processo de mão dupla.

<sup>35</sup> MARTIUS, Carl F. P. von. **Como se deve escrever a história do Brasil** (1845) In: **O Estado do Direito entre os Autóctones do Brasil**.

<sup>36</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Visconde de Porto Seguro (1854-57). **História Geral do Brasil**, 7a ed., 5 vols., São Paulo e Belo Horizonte, Edusp/Itatiaia, 1980.

<sup>37</sup> ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de história colonial e caminhos antigos e povoamento do Brasil**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963. (Estas obras, agora reunidas em um só livro, foram primeiramente publicadas separadamente, sendo *Capítulos de história colonial* de 1907, e *Os caminhos antigos e povoamento do Brasil* de 1930).

<sup>38</sup> RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. Petrópolis, Vozes, 1977.

nacionais, e no reconhecimento e aceitação da diversidade cultural<sup>39</sup>. Tudo isso possibilitou a sobrevivência e o crescimento populacional de alguns grupos indígenas brasileiros<sup>40</sup>. Nesse novo contexto, a produção científica acerca do tema começa a mudar, sendo expressiva a publicação do livro *O índio na história do Brasil*<sup>41</sup>, fruto dos trabalhos em campo da antropóloga Berta Ribeiro.

Já anos 1990 este processo se intensifica. Segundo Maria Regina Celestino de Almeida<sup>42</sup>, os historiadores passam a se ater mais sistematicamente sobre a História Indígena. Isso graças às mudanças de perspectivas teóricas e metodológicas empregadas por parte dos historiadores na lida dos documentos, alguns dos quais já analisados; assim como, a um maior diálogo entre historiadores e antropólogos e a pressão sociopolítica exercida pelos movimentos indígenas<sup>43</sup>.

Dessa década são clássicos, sobre a temática em questão, oriundos de pesquisas acadêmicas, os seguintes livros: *História dos índios no Brasil*<sup>44</sup>, de Manuela Carneiro da Cunha; *Negros da Terra – índios, bandeirantes nas origens de São Paulo*<sup>45</sup>, de John Manuel Monteiro e *A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*<sup>46</sup>, de Ronaldo Vainfas.

### 2.1.2 Contexto da região Nordeste

Na região Nordeste destaca-se, *Notas sobre a Parahyba*, de Irenêo Ciciliano Joffily, escrito ainda no final do século XIX<sup>47</sup>, no contexto de construção da historiografia para o fortalecimento da identidade nacional e regional. Esta obra merece ser enfatizada pois a classificação empregada por seu autor, de que eram Kariri os grupos indígenas que habitavam o sertão da Paraíba, acabou influenciando na

<sup>39</sup> CUNHA, Manuela C. da (org.). **História dos índios do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

<sup>40</sup> CUNHA, Manuela C. da (org.). **História dos índios do Brasil**.

<sup>41</sup> RIBEIRO, Berta G. **O índio na história do Brasil**. São Paulo: Global. 1983.

<sup>42</sup> ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

<sup>43</sup> Idem.

<sup>44</sup> CUNHA, Manuela C. da (org.). **História dos índios do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

<sup>45</sup> MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra: índios, bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

<sup>46</sup> VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>47</sup> JOFFILY, Irenêo. **Notas sobre a Parahyba**. 2. ed. fac-similar. Brasília: Thesaurus Editora, 1977.

denominação das outras populações ameríndias do espaço que atualmente é o interior de toda a região Nordeste do Brasil<sup>48</sup>.

Relevante ainda, sobre a região Nordeste, são os trabalhos de Thomaz Pompeu Sobrinho, *Os Tapuias do Nordeste e a Monografia de Elias Herckman*<sup>49</sup> e *Os crânios da Gruta do Canastra*<sup>50</sup>; e Carlos Studard Filho, com *Contribuição para a ethnologia brasileira: as tribos Indígenas do Ceará*<sup>51</sup>; assim como a série do Instituto Histórico Geográfico do Ceará, intitulada *Resistências indígenas à conquista e povoamento da terra: a Guerra dos Bárbaros*<sup>52</sup>. Pompeu Sobrinho e Carlos Studard Filho já expressavam em suas obras, a majoritária ocupação dos Tarairiú no interior dos atuais estados do Ceará e Rio Grande do Norte<sup>53</sup>.

A partir da década de 1990, merecem ser destacados algumas obras sobre a série de conflitos que envolveram os grupos indígenas e as frentes pecuaristas, nos séculos XVII e XVIII, nos sertões coloniais, as quais decorrem de pesquisas vinculados a programas de pós-graduação em História. Desse contexto, os trabalhos mais conhecidos são: *Guerra dos Bárbaros: resistência e conflitos no Nordeste Colonial*<sup>54</sup>, de Maria Idalina da Cruz Pires; e *A Guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão Nordeste do Brasil, 1650-1720*<sup>55</sup>, de Pedro Puntoni. Ambos elaborados na década de 1990.

---

<sup>48</sup> MACEDO, Helder Alexandre M. de. Histórias indígenas no sertão do Seridó (Séculos XVI-XX). In: BUENO, Almir de C. (Org.). **Revisitando a história do Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN, 2009, p. 13-52.

<sup>49</sup> POMPEU SOBRINHO, Thomas. Os Tapuias do Nordeste e a monografia de Elias Herckman.

<sup>50</sup> POMPEU SOBRINHO, Thomas. Os crânios da Gruta do Canastra. In: **Revista do Instituto do Ceará**, t. LVI, pp. 153-193. 1942.

<sup>51</sup> STUDART FILHO, Carlos. Contribuição para a ethnologia brasileira: As tribos indígenas do Ceará. In: **Revista do Instituto do Ceará**, t. s. ed., v. 40, pp. 39-53. 1926.

<sup>52</sup> STUDART FILHO, Carlos. Resistência dos indígenas à conquista e povoamento da terra: a "Guerra dos Bárbaros" [1]. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, n. 73, p. 29-70, 1959; STUDART FILHO, Carlos. Resistência dos indígenas à conquista e povoamento da terra: a "Guerra dos Bárbaros" [2]. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, n. 75, p. 163-208, 1961. STUDART FILHO, Carlos. Resistência dos indígenas à conquista e povoamento da terra: a "Guerra dos Bárbaros" [3]. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, n. s/n, p. 49-57, 1965.

<sup>53</sup> O interior do Nordeste encontrava-se povoado, principalmente, por dois grupos linguísticos: *Kariri*, nos "sertões de dentro" (BA, PE, PB) e pelos *Tarairiú*, nos "sertões de fora" (PB, RN, CE, PI) (ABREU, 1998 *apud* BORGES, Fabio Mafra. **Os sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro**: caracterização de um padrão de assentamento na Área Arqueológica do Seridó – Carnaúba dos Dantas - RN, Brasil. p. 61). Além disso, sabe-se também que o território atualmente corresponde ao Nordeste, era ocupado por uma grande quantidade de grupos indígenas falantes de línguas menores (URBAN, Greg. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas; MEDEIROS, 2002 *apud* BORGES, Fabio Mafra. Op. cit.).

<sup>54</sup> PIRES, Maria Idalina da Cruz. **Guerra dos Bárbaros: resistência e conflitos no Nordeste Colonial**. Recife: Secretaria de Cultura, 1990.

<sup>55</sup> PUNTONI, Pedro. **A Guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão Nordeste do Brasil, 1650-1720**.

Ainda no que concerne à História Indígena no Nordeste, acerca da mencionada série de conflitos que envolveram grupos indígenas e colonizadores, são bastante representativos os trabalhos de Ricardo Pinto de Medeiros, *A redescoberta dos outros: povos indígenas do sertão nordestino no período colonial*<sup>56</sup> e Cristina Pompa, *Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuias no Brasil colonial*<sup>57</sup>. Esses produzidos já na primeira década do século XXI.

### 2.1.3 Contexto do Estado Rio Grande do Norte

Concentrando-se no Rio Grande do Norte, a partir de meados do século XX, há uma notável produção historiográfica, que aborda, entre outros temas, as populações indígenas com as quais os primeiros colonizadores entraram em contato, ainda no século XVI. São clássicos sobre este tema os trabalhos de Luís da Câmara Cascudo e Olavo de Medeiros Filho.

Luís da Câmara Cascudo produziu entre as décadas de 1920 e 1980, uma grandiosa obra, não só na área da História, mas também da Antropologia, em sua maior parte financiada pelos governos do Estado do Rio Grande do Norte, na qual além da história estava sendo enfatizados os elementos da identidade estadual e nacional. Em seus trabalhos o elemento indígena é mencionado, mas tomado em segundo plano na formação da sociedade potiguar; devido ao contexto teórico-metodológico de sua produção, a qual enfatizava o elemento branco português, ou mesmo o mestiço. Dentre a vasta bibliografia de Cascudo, merecem ser destacados, para o trabalho em questão, duas obras: *História do Rio Grande do Norte*<sup>58</sup> e *Nomes da terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte*<sup>59</sup>.

Olavo de Medeiros Filho, por sua vez, produziu principalmente sobre a história da região Seridó, no período colonial e imperial. Para os objetivos deste trabalho é importante citar a obra *Índios do Açu e Seridó*<sup>60</sup>, na qual, o citado historiador, aborda

---

<sup>56</sup> MEDEIROS, Ricardo Pinto de. **A redescoberta dos outros: povos indígenas do sertão nordestino no período colonial.**

<sup>57</sup> POMPA, Maria Cristina. **Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuias no Brasil colonial.**

<sup>58</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte.** 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé; Natal: Fundação José Augusto, 1984.

<sup>59</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Nomes da Terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte.** Natal: Fundação José Augusto, 1968.

<sup>60</sup> MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Índios do Açu e Seridó.** Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1984.



aspectos cotidianos da principal etnia – os Tarairiú – que habitava as bacias dos rios Açu, Jaguaribe e Seridó. Tratando também do contato desses indígenas com as frentes pecuaristas no contexto da chamada “Guerra dos Bárbaros”, durante os séculos XVII e XVIII. Este autor, contudo, classificava os Tarairiú como pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê, o que os relaciona com os Kariri. Por outro lado, Pompeu Sobrinho distingue os Tarairiú dos Kariri, esses sim pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê. Atualmente o Tarairiú é classificado como uma língua isolada<sup>61</sup>. Ou seja, língua que não possui parentesco com outras línguas ou famílias linguísticas<sup>62</sup>. Sendo, por isso, extremamente importantes na compreensão dos períodos mais antigos da história da ocupação do território brasileiro, anteriores a 4.000-5.000 a. C.<sup>63</sup>.

Na última década do século XX, bem como na primeira do XXI, as pesquisas intensificaram-se sobre a temática em questão no Rio Grande do Norte. São relevantes nesse contexto os trabalhos dos seguintes autores: Fátima Martins Lopes, com, *Missões religiosas: índios, colonos e missionários na colonização do Rio Grande do Norte*<sup>64</sup> e *Em nome da liberdade: as vilas de índios do Rio Grande do Norte sob o Diretório Pombalino no século XVIII*<sup>65</sup>; Julie Cavignac, *A etnicidade encoberta: índios, colonos e missionários na colonização do Rio Grande do Norte*<sup>66</sup>; Valdeci dos Santos Júnior, *Os índios Tapuias do Rio Grande do Norte: antepassados esquecidos*<sup>67</sup>; Helder Alexandre de Medeiros Macedo, *Populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte: história e mestiçagens*<sup>68</sup>; Fabio Mafra Borges, *Os sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro: caracterização de um padrão de assentamento na Área Arqueológica do Seridó*<sup>69</sup>. Outros autores abordam a questão indígena, ao tratarem da História do Rio Grande do Norte, contudo, não é este seu objetivo principal, por isso

---

<sup>61</sup> URBAN, Greg. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas.

<sup>62</sup> Idem.

<sup>63</sup> Idem.

<sup>64</sup> LOPES, Fátima Martins. **Missões Religiosas: índios, colonos e missionários na colonização da Capitania do Rio Grande do Norte.** 1999. 210f. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História, UFPE, Recife, 1999.

<sup>65</sup> LOPES, Fátima Martins. **Em nome da liberdade: as vilas de índios do Rio Grande do Norte sob o Diretório Pombalino no século XVIII.** 2005. 700f. Tese (Doutorado em História do Brasil) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

<sup>66</sup> CAVIGNAC, Julie. **A etnicidade encoberta: ‘Índios’ e ‘Negros’ no Rio Grande do Norte.** Mneme: Revista de Humanidades, Caicó, v.4, n.8, abr./set, 2003.

<sup>67</sup> SANTOS JÚNIOR, Valdeci dos. **Os índios Tapuias do Rio Grande do Norte: antepassados esquecidos.**

<sup>68</sup> MACEDO, Helder Alexandre de M. **Populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte: história e mestiçagens.** 2011.

<sup>69</sup> BORGES, Fabio Mafra. **Os sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro: caracterização de um padrão de assentamento na Área Arqueológica do Seridó – Carnaúba dos Dantas - RN, Brasil.**

citou-se apenas os anteriormente mencionados, pois tomam como enfoque o recorte temático em questão.

## 2.2 HISTORIOGRAFIA REGIONAL E LOCAL DA SERRA DE SANTANA

A menção aos grupos indígenas na formação histórica da Serra de Santana é bastante restrita. O tema às vezes é citado, quando vai se tratar da história dos municípios da região, contudo, o espaço reservado é ínfimo. Prevaecem as noções de que os poucos indivíduos nativos que habitavam a Serra de Santana teriam, ou migrado para outras regiões na época do conquista, ou então sido exterminados pelos colonizadores. Ainda ocorre o equívoco de se pensar que as ocupações coloniais nos séculos XVII e XVIII foram pioneiras no povoamento desta parte do sertão potiguar. A seguir, têm-se uma relação do espaço reservado na história dos municípios, que compõem a Serra de Santana, às populações indígenas daquela região.

### 2.2.1 Cerro-Corá

Nestor Lima em *Municípios do Rio Grande do Norte*<sup>70</sup>, ao tratar de Currais Novos<sup>71</sup> diz, “Nas margens do rio Potengy e perto das suas nascenças, existem inscrições, em tinta rubra, pelo que se dá ao local o nome de Poço do Letreiro”<sup>72</sup>. Esse local atualmente corresponde ao município de Cerro-Corá. Contudo, não é mencionado por Lima se a autoria de tais “inscrições”<sup>73</sup> seria obra de indígenas. Câmara Cascudo, em *Nomes da terra*<sup>74</sup> – uma das principais obras sobre a história dos municípios do Rio Grande do Norte – segue a linha de Nestor Lima: não menciona o fato de terem existido grupos indígenas nas terras que depois viriam a compor o município de Cerro-Corá.

---

<sup>70</sup> LIMA, Nestor. *Municípios do Rio Grande do Norte: Ceará-Mirim e Currais Novos*. v. 27/28. Natal: IHGRN, 1937.

<sup>71</sup> Quando Nestor Lima publicou *Municípios do Rio Grande do Norte*, em 1927, o nosso recorte espacial dividia-se nos seguintes municípios: Currais Novos, Flôres (Florânia) e Santana do Matos. O mesmo ocorreu com Anfiloquio Camara, quando este publicou *Cenários municipais*, em 1948.

<sup>72</sup> LIMA, Nestor. 1937. Op. cit. p. 206.

<sup>73</sup> Idem.

<sup>74</sup> CASCUDO, Luís da Camara. *Nomes da Terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte*, 1968.

A Fundação José Augusto por sua vez, numa publicação denominada *Cerró Corá*<sup>75</sup>, reserva ao passado indígena do município apenas um parágrafo, no qual as populações indígenas foram vistas como um empecilho à colonização. Segue as palavras do próprio autor: “Após a ‘Guerra dos Bárbaros’, o povoamento do sertão norterio-grandense ingressou num ritmo normal, uma vez que o indígena não tinha mais condições de oferecer resistência coletiva e organizada aos colonizadores”.

Fabiano dos Santos também deixou uma obra sobre Cerro Corá, *Sinópsese da História de Cerro Corá*<sup>76</sup>. Nela foi escrito que a região onde atualmente se encontra o município em questão foi habitada na Pré-História por “outros”<sup>77</sup>, os quais deixaram “inscrições rupestres”<sup>78</sup>. Contudo, existe um equívoco cronológico com relação a este período: o fato de se atrelar os vestígios pré-históricos à “[...] existência de homens com seus milhões de anos idos ainda não bem determinados pela ciência”. Da mesma forma, sobre os indígenas que ocuparam a região o autor se equivocou dizendo que eram Kariri, e mais, classifica os Panati, como pertencentes a este grupo.

### 2.2.2 Currais Novos

Nas obras clássicas de autores locais sobre a história do município, como *Retoques da história de Currais Novos*<sup>79</sup>, de Celestino Alves, ou *História de Currais Novos*<sup>80</sup>, de Antônio Quintino Filho, o elemento nativo também não é sequer mencionado. Dá-se a entender que quando foram formados os primeiros núcleos de povoamento, no entorno dos currais de gado, o território fosse ou já estivesse despovoado.

Contudo, em outro trabalho de Celestino Alves, *Vaqueiros e vaquejadas*<sup>81</sup> – do mesmo período que o livro de sua autoria antes citado – o elemento indígena é glorificado. O autor escreve o seguinte, depois de tratar da descendência que os

<sup>75</sup> FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. *Cerró Corá*. Natal: Fundação José Augusto; Cerro Corá: Prefeitura Municipal, 1982.

<sup>76</sup> SANTOS, Antonio Fabiano da Silva. *Sinópsese da História de Cerro Corá*. Cerro Corá: Prefeitura Municipal, 2003.

<sup>77</sup> Idem, S/p.

<sup>78</sup> SANTOS, Antonio Fabiano da Silva. *Sinópsese da História de Cerro Corá*. Cerro Corá: Prefeitura Municipal, 2003.

<sup>79</sup> ALVES, Celestino. *Retoques da história de Currais Novos*. Natal: Fundação José Augusto; Currais Novos: Prefeitura Municipal, 1985. p. 13-34.

<sup>80</sup> QUINTINO FILHO, Antônio. *História de Currais Novos*. 2. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

<sup>81</sup> ALVES, Celestino. *Vaqueiros e vaquejadas*. Natal: EDUFRRN, 1986.

seridoenses têm dos indígenas e da resistência que estes prestaram frente os avanços coloniais: “Eu faço questão de escrever Tapuio sempre com T maiúsculo, porque tenho muita admiração pela raça: meus parabéns aos seridoenses que descendem de Tapuios”<sup>82</sup>.

Ainda sobre Currais Novos, Joabel Rodrigues de Souza, publicou, o livro *Totoró, berço de Currais Novos*<sup>83</sup>. No capítulo segundo, *O Tempo*, são descritos alguns sítios e vestígios arqueológicos – registros gráficos principalmente – presentes na área em torno do Pico do Totoró. Os mesmos, para o autor, seriam obra dos “homens nômades”<sup>84</sup>.

Joabel de Souza, ainda no mesmo capítulo, aborda a “Guerra dos Bárbaros”. Contudo o autor parece estar imbuído de percepções tradicionais acerca do conflito, pois menciona que “A Guerra dos Bárbaros, entre os séculos XVII e XVIII, marcou o extermínio dos indígenas do Sertão no território potiguar”<sup>85</sup>.

### 2.2.3 Lagoa Nova

Sobre Lagoa Nova, Joaquim Coutinho publicou o livro *História de Lagoa Nova*<sup>86</sup>. Nesta obra é descrito que, no período da chegada dos “brancos”<sup>87</sup>, viviam alguns índios no que é hoje a Serra de Santana<sup>88</sup>. Não é citada, contudo, a que etnia esses pertenciam. Tais índios seriam nômades, devido à escassez de água naquele maciço<sup>89</sup>. Ainda de acordo com Coutinho, bem próximo da lagoa, que deu origem ao município de Lagoa Nova, havia sinais, até recentemente, dessas ocupações indígenas, como os vestígios de cabanas em círculo e fragmentos cerâmicos<sup>90</sup>.

Tratando da História Indígena na Serra de Santana, Helder Macêdo<sup>91</sup>, tomando como fonte a oralidade, descreve um mito presente na memória dos moradores de Lagoa Nova. O mito assegura que, quando da chegada da curraleira Adriana Lins de Holanda, em 1777, os indígenas que habitavam a chã da serra teriam ido embora em troca de

<sup>82</sup> ALVES, Celestino. **Vaqueiros e vaquejadas**, p. 08.

<sup>83</sup> SOUZA, Joabel Rodrigues de. **Totoró, berço de Currais Novos**. Natal: EDUFRRN, 2008.

<sup>84</sup> SOUZA, Joabel Rodrigues de. **Totoró, berço de Currais Novos**. Natal: EDUFRRN, 2008. p. 77.

<sup>85</sup> SOUZA, Joabel Rodrigues de. **Totoró, berço de Currais Novos**. Natal: EDUFRRN, 2008. p. 77.

<sup>86</sup> COUTINHO, Joaquim. **História de Lagoa Nova**. Tipografia Padre Ausônio, 2006.

<sup>87</sup> Idem. p. 18.

<sup>88</sup> Idem.

<sup>89</sup> Idem.

<sup>90</sup> Idem.

<sup>91</sup> MACEDO, Helder Alexandre M. de. **Histórias indígenas no sertão do Seridó (séculos XVI-XX)**, 2009.

uma, ou duas, vacas gordas<sup>92</sup>. A partir daí surgiram currais de gado e a povoação na serra<sup>93</sup>. Isto suaviza o processo de conquista do espaço que atualmente corresponde à região da Serra de Santana, o qual, possivelmente, não foi tão pacífico como ficou registrado na memória local<sup>94</sup>.

#### 2.2.4 São Vicente

Com relação a São Vicente, Câmara Cascudo, em *Nomes da Terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte*<sup>95</sup>, aponta o fato de que a “Milharadas do gentio”<sup>96</sup> – denominação do território em questão, dada pelos colonizadores – era habitada por índios Kariri.

Essa classificação étnica também está presente na monografia de Francisca Araújo e Francivalda Alves, *Evolução urbana de São Vicente*<sup>97</sup>, as quais tomaram por base a própria obra de Cascudo – supracitada – para abordarem o conflito dos colonos com os grupos indígenas, no final do século XVII. As autoras explicam que a Serra de Santana teria sido utilizada pelos indígenas como zona de refúgio, na época em que Domingos Jorge Velho estava combatendo na região do Açu<sup>98</sup>. Contudo, tal fato, apesar de provável, não pôde ser confirmado, uma vez que as mesmas não citam a(s) fonte (s) de onde tiraram tal informação.

O que caracteriza, tanto o que Cascudo escreveu quanto a obra Francisca Araújo e Francivalda Alves, é a crença da ocupação Kariri no espaço que atualmente corresponde ao município de São Vicente, o que é um equívoco, como será mostrado posteriormente.

Iaponan Soares, por sua vez, em *Notas à margem da História de São Vicente*<sup>99</sup>, traz informações mais com o que vem sendo evidenciado pela historiografia. Ele aponta que o grupo indígena que habitou estas terras era o Panati<sup>100</sup>. Estes teriam emigrado em

---

<sup>92</sup> MACEDO, Helder Alexandre M. de. *Histórias indígenas no sertão do Seridó (séculos XVI-XX)*, 2009.

<sup>93</sup> Idem.

<sup>94</sup> Idem.

<sup>95</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Nomes da Terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte**, 1968. p. 253-255.

<sup>96</sup> Idem. p. 253-254

<sup>97</sup> ARAÚJO, Francisca das Chagas de Souza O.; ALVES, Francivalda Vicente da Silva. **Evolução urbana de São Vicente**. 2000. 50f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2000. p. 14-21.

<sup>98</sup> Idem.

<sup>99</sup> SOARES, Iaponan. **Notas à margem da História de São Vicente**.

<sup>100</sup> Idem.

busca de melhores campos de caça, restado somente a índia Luíza<sup>101</sup>. Uma provável causa para as informações apresentadas por Soares serem mais condizentes com o que se sabe sobre os grupos indígenas do Seridó Potiguar, é o fato do mesmo ter utilizado as obras de Olavo de Medeiros Filho – como visto, uma das principais referências quando se trata das populações indígenas do interior do Rio grande do Norte.

### 2.2.5 Santana do Matos

Sobre Santana do Matos, Câmara Cascudo expõe em *Notícia histórica do município de Santana do Matos*,<sup>102</sup> que o município: “Seria povoado inicialmente pelos indígenas cariris (sic). Creio pertencer-lhes os vocábulos Pariaó, Pixoré e ainda o ‘Patachocá’, mutilação verbal do Pataxós (sic), nome da tribo”<sup>103</sup>. Percebe-se que o autor comete um equívoco ao apontar o fato de terem existido índios Pataxó em pleno sertão da capitania do Rio Grande, uma vez que tal dado não pode ser verificado em nenhum documento ou bibliografia consultados<sup>104</sup>. Cascudo ainda vai apontar que, “A maioria [dos vocábulos] vem do tupi e esta foi a raça que demorou na região, deixando os rastros nos topônimos [...]”<sup>105</sup>.

Sobre a toponímia na língua tupi em Santana do Matos, apontada por Câmara Cascudo, está-se diante de uma realidade válida para boa parte do território brasileiro. Na medida em que, muitos dos guias e intérpretes utilizados pelos colonos faziam parte de grupos indígenas Tupi<sup>106</sup>. Dessa forma, pode haver outra explicação para a utilização de topônimos em tupi nesse município. Até o século XVIII, a língua franca da América Portuguesa era o *Nheengatú*<sup>107</sup>. Para Darcy Ribeiro, esta língua “surge no século XVI do esforço de falar o tupi com boca de português, se difunde rapidamente como a fala principal tanto dos núcleos neobrasileiros como dos núcleos missionários”<sup>108</sup>. O

<sup>101</sup> SOARES, Iaponan. **Notas à margem da História de São Vicente**.

<sup>102</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Notícia histórica do município de Santana do Matos**. Natal: Departamento de Imprensa, 1955.

<sup>103</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Notícia histórica do município de Santana do Matos**, 1955. p. 06.

<sup>104</sup> Os Pataxó formam um povo indígena que historicamente ocupam áreas do sul do estado da Bahia e norte de Minas Gerais (POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. **Pataxó**. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/pataxo>>. Acesso dia: 09 nov. 2014). Sua língua, não mais falada, pertencida ao tronco Macro-Jê e é da família linguística Maxakalí (idem).

<sup>105</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Op. cit. 1955. p. 06.

<sup>106</sup> SAMPAIO, Theodoro. **O Tupi na geographia nacional**. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, 1901.

<sup>107</sup> ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil**.

<sup>108</sup> RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

*Nheengatú*, só deixa de ser a língua franca da América Portuguesa quando chega ao poder em Portugal, o Marquês de Pombal, e institui a obrigatoriedade do uso da língua da metrópole na colônia<sup>109</sup>. Contudo até hoje o *Nheengatú* é falado em regiões isoladas da Amazônia, como no alto rio Negro<sup>110</sup>.

A seguir, tem-se a relação das pesquisas arqueológicas na Serra de Santana, seja em municípios já citados com relação aos trabalhos historiográficos, ou naqueles onde não existe essa produção.

## 2.3 PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NA SERRA DE SANTANA

### 2.3.1 Florânia

Sobre a presença indígena no atual município de Florânia, existe o trabalho arqueológico de Daniel Bertrand e Luiz Dutra Neto<sup>111</sup>. Este foi publicado em um artigo descrevendo a presença de cerâmica classificada pelos autores como pertencente à tradição ceramista Tupiguarani em áreas pertencentes ao referido município. Antes de iniciar a relação dos sítios arqueológicos é importante fazer uma observação acerca da tradição ceramista em questão.

José Proeza Brochado influenciado por Donald Lathrap propôs que o conjunto arqueológico definido como cerâmica Tupiguarani, deveria ser reclassificado como pertencente à Tradição Polícroma Amazônica, a qual se divide, entre outras, na subtradição Tupinambá e na subtradição Guarani, estas coincidindo com o que é chamado de cerâmica tupiguarani<sup>112</sup>. Brochado propôs uma relação de continuidade entre os contextos cerâmicos arqueológicos, da Tradição Tupiguarani, e os contextos culturais dos Tupi e dos Guarani<sup>113</sup>. Estes dois conjuntos cerâmicos teriam se originado de um mesmo núcleo cultural, a Amazônia central boliviana, tendo se desenvolvido paralelamente há pelo menos dois mil anos<sup>114</sup>.

---

<sup>109</sup> ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. cit.

<sup>110</sup> RODRIGUES, Aryon D. **Línguas brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

<sup>111</sup> BERTRAND, Daniel; NETO, Luiz Dutra de S. Mapeamento dos sítios arqueológicos do município de Florânia - RN.

<sup>112</sup> NOELLI, Francisco Silva. José Proenza Brochado: vida acadêmica e a arqueologia Tupi. In: PROUS, André; LIMA, Tania Andrade (orgs.) **Os ceramistas Tupiguarani**. Belo Horizonte: Sigma, 2008. p. 17–47.

<sup>113</sup> Idem.

<sup>114</sup> Idem.

O modelo teórico, proposto por Brochado, está em consonância com as teorias elaboradas por Lathrap, as quais sugerem ter a Amazônia central boliviana servido como uma área de desenvolvimento cultural, de onde partiram a maior parte das inovações encontradas na própria Amazônia e áreas próximas. Isto, devido a pressões demográficas que fizeram essas populações se dispersarem, levando consigo artefatos e práticas agrícolas. A dispersão das subtradições ceramistas Guarani e Tupinambá teria acontecido por duas vias, segundo Brochado<sup>115</sup>. A Guarani no sentido sudeste, chegando ao Paraguai oriental, nordeste da Argentina, partes do Uruguai e Brasil meridional; e a Tupinambá no sentido do rio Amazonas, acompanhando toda a costa atlântica brasileira até o litoral de São Paulo, com algumas entradas e ocupações no interior do continente nas bacias dos rios que desaguam no Oceano Atlântico<sup>116</sup>. Contudo, o modelo proposto por Brochado sofreu críticas, principalmente no que diz respeito a associação da cerâmica Polícroma Amazônica com grupos falantes das línguas da família Tupi-Guarani, tendo em vista que não existiriam dados etnográficos ou históricos que permitam essa associação<sup>117</sup>. No entanto, existe um consenso no que diz respeito à origem para o Proto-tupi – tronco linguístico que deu origem as famílias Tupi e Guarani: a Amazônia.

Neste trabalho, concordou-se com Brochado, quanto a relação dos grupos ceramistas Tupiguarani com as populações Tupi-guarani, na medida em que o citado autor publicou um artigo em 1991, fazendo uma analogia entre a cerâmica da Tradição Tupiguarani com os dados disponíveis nas gravuras dos cronistas europeus dos séculos XVI e XVII, evidenciando uma relação de identidade entre os vestígios arqueológicos e a cultural material representada na iconografia quinhentista e seiscentista<sup>118</sup>.

Os sítios arqueológicos relacionados a este horizonte cultural, em Florânia, são: Ana Caetana; Boa Vista 1; Boa Vista 2; Capim-Açu 1; Capim-Açu 2; Casa de Farinha; Chã dos Mineiros; Cemitério; Pau do Oco; Serra Nova 1; Rossaurubu 3 e Serra Nova 2<sup>119</sup>.

---

<sup>115</sup> NOELLI, Francisco Silva. José Proenza Brochado: vida acadêmica e a arqueologia Tupi. p. 17–47.

<sup>116</sup> Idem.

<sup>117</sup> HECKENBERGER *et al.*. 1998; URBAN, Greg. 1996 apud NOGUEIRA, Mônica. **A cerâmica Tupinambá na Serra de Santana – RN: o sítio arqueológico Aldeia da Serra do Macaguá – Tenente Laurentino Cruz – RN.**

<sup>118</sup> BROCHADO, José Proenza. What did the Tupinambá cook In their vessels? a contribution to ethnographic analogy. In: **Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB)**, v. 6, pp. 41-90. São Paulo: SAB, 1991.

<sup>119</sup> BERTRAND, Daniel; NETO, Luiz Dutra de S. Mapeamento dos sítios arqueológicos do município de Florânia - RN.



### 2.3.2 São Vicente e Tenente Laurentino Cruz

A mesma situação de Florânia acontece com o município de Tenente Laurentino Cruz, e também com uma parte de São Vicente, onde os dados disponíveis sobre as populações indígenas estão circunscritos aos trabalhos arqueológicos ali realizados. O Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco (NEA/UFPE), detectou nos municípios de São Vicente e Tenente Laurentino Cruz, alguns sítios lito-cerâmicos, sendo: Aldeia da Serra de Macaguá V, localizado no primeiro, e Aldeia da Serra de Macaguá I, Aldeia da Serra de Macaguá II, Aldeia da Serra de Macaguá III, Aldeia da Serra de Macaguá IV, Aldeia da Serra de Macaguá VI e Aldeia da Serra de Macaguá VII, localizados no segundo<sup>120</sup>.

Destes, o sítio arqueológico Aldeia Serra de Macaguá I, passou por três intervenções arqueológicas, duas em 2009 e uma em 2012. Os trabalhos culminaram na dissertação de mestrado em arqueologia de Mônica Nogueira<sup>121</sup>, defendida no ano de 2011, e em um artigo da mesma autora, em parceria com Fabio Mafra<sup>122</sup>, no qual foi publicada uma discussão sobre a relação dos sítios arqueológicos em questão, com dados etnohistóricos. Além desses, o Aldeia Serra de Macaguá I também rendeu a tese de doutorado de Vivian Karla de Sena, defendida em 2013, a qual vai ser desconsiderada, porque ainda não se encontra acessível ao público geral.

A análise do material recolhido, no sítio Aldeia da Serra de Macaguá I, permitiu evidenciar que a cerâmica encontrada neste sítio, assim como em Florânia, pertence à Tradição Polícroma Amazônica, subtradição Tupinambá. Constatando-se também a presença de materiais de cronologia histórica, como louça, metal, vidro e contas de colar em vidro azul. As contas de colar em vidro azul estavam em associação direta com o contexto da cerâmica da Subtradição Tupinambá.

---

<sup>120</sup> NOGUEIRA, Mônica A. **A cerâmica Tupinambá na Serra de Santana – RN: o sítio arqueológico Aldeia da Serra do Macaguá – Tenente Laurentino Cruz – RN**. 195 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-graduação em Arqueologia, UFPE, Recife, 2011.

<sup>121</sup> Idem.

<sup>122</sup> MAFRA, Fabio; NOGUEIRA, Mônica. **A cerâmica Tupinambá na Serra de Santana-RN: a cultura da floresta tropical no contexto do semiárido nordestino**.

### 2.3.3 Santana do Matos

Na região Central do estado do Rio Grande do Norte, desde 1999, vêm sendo desenvolvidas pesquisas arqueológicas sistemáticas, principalmente no que diz respeito a identificação e classificação de grafismos rupestres, pelo professor Valdeci dos Santos Júnior<sup>123</sup>.

Foram identificados em torno de vinte e seis sítios arqueológicos contendo grafismos rupestres. Dentre estes sítios, estão: Pixoré de Baixo I, Tanques dos Pereiros I, Santa Cruz, Pinturas, São Vicente, Fazenda Cachoeira, Serra do Basso, Saquinho I e Pedra do Chico<sup>124</sup>. Isso demonstra a ocorrência de ocupações indígenas desde a pré-história, no atual município de Santana do Matos, situação análoga ao que foi constatado em outros municípios da região Seridó<sup>125</sup>.

---

<sup>123</sup> SANTOS JÚNIOR, Valdeci dos. Registros Rupestres na Área Arqueológica de Santana (RN). In: **Clio – Série Arqueológica**, v. 2, n. 19. pp. 195-208. Recife: Editora Universitária UFPE, 2005; SANTOS JÚNIOR, Valdeci dos. As técnicas de execução das gravuras rupestres do Rio Grande do Norte. **FUMDHAMENTOS**, v.1, n. 7. pp. 516-528. São Raimundo Nonato: FMHA/ Centro Cultural Sérgio Motta, 2008.

<sup>124</sup> SANTOS JÚNIOR, Valdeci dos. Registros Rupestres na Área Arqueológica de Santana (RN); SANTOS JÚNIOR, Valdeci dos. As técnicas de execução das gravuras rupestres do Rio Grande do Norte.

<sup>125</sup> MARTIN, Gabriela. Pré-história do Nordeste do Brasil. 3. ed. Recife: editora Universitária UFPE, 2008.

### 3 POPULAÇÕES INDÍGENAS TUPI E TARAIRIÚ NA SERRA DE SANTANA, SÉCULOS XVII e XVIII

De acordo com boa parte da historiografia<sup>126</sup> disponível sobre a história dos municípios que compõem a região da Serra de Santana, foram Kariri os primeiros habitantes deste espaço. Teriam entrado em contato com os luso-brasílicos, no contexto da chamada “Guerra dos Bárbaros”, em finais do século XVII e início do XVIII.

Ainda segundo esta mesma historiografia, tais populações indígenas teriam sido ou exterminadas pelas forças coloniais, ou então fugido para outras regiões em busca de sobrevivência. Partindo das informações deixadas no relato do holandês Roulox Baro, é possível contradizer estas informações e demonstrar que a região da Serra de Santana estava ocupada por grupos indígenas Tupi e Tarairiú, em meados do século XVII.

A partir das informações desse relato é possível demonstrar que não seriam os Kariri os primeiros habitantes da Serra de Santana. Esta informação errônea deriva de um equívoco quanto a utilização da obra de Irineu Joffily<sup>127</sup>, sem problematizações, não só no que diz respeito a Serra de Santana, mas para classificar os grupos indígenas do interior de boa parte do Nordeste, quando, na verdade, seu livro vale para o recorte espacial sobre o qual foi escrito: o sertão da Paraíba<sup>128</sup>.

A respeito da presença e convivência de populações Tupi e Tarairiú na Serra de Santana no século XVII, Baro descreveu inclusive uma aliança que os mesmos fizeram para sobrevivência mútua, diante da situação criada pela colonização.

A 19 [de maio de 1647] cheguei a Serra de Montagina, habitada até a pouco por brasileiros, mas na aldeia encontrava-se apenas um ancião e duas velhas, que me disseram não estar ali seu chefe principal, dito Diego; mandei procura-lo por um rapazinho que o conduziu até mim, à tardinha. Disse-me que **Janduí lhe dera este lugar para nele abitar com os seus**, mas o mesmo não era seguro contra os seus inimigos, motivo por que era obrigado, ao primeiro ruído de guerra, a abandoná-lo e fugir para o mato. [...] **Janduí deixara-lhes a liberdade de cultivar estas terras, e eles ali tinham plantado raízes e semeado ervilhas e favas, além daquilo que encontravam nas florestas. Não**

<sup>126</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Notícia histórica do município de Santana do Matos**. 1955. Apesar de nessa obra o autor demonstrar a presença, além dos *Kariri*, de índios Tupi no que viria a ser Santana dos Matos; CASCUDO, Luís da Câmara. **Nomes da Terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte**, 1968; LIMA, Nestor. **Municípios do Rio Grande do Norte: Ceará-Mirim e Currais Novos**; ALVES, Francivalda Vicente da Silva; ARAÚJO, Francisca das Chagas de Souza O. **Evolução urbana de São Vicente**; SOUZA, Joabel Rodrigues de. **Totoró, berço de Currais Novos**.

<sup>127</sup> JOFFILY, Irenêo. **Notas sobre a Parahyba**.

<sup>128</sup> Idem.

**eram ingratos para com Janduí, a quem davam, liberalmente, uma parte daquilo que haviam plantado e semeado [...] (grifos nossos)<sup>129</sup>.**

O que pode ser observado, é que o principal dos Tarairiú, Janduí, cobrava uma espécie de tributo, para que os Tupi mantivessem suas ocupações na então Serra de Macaguá. Uma nova situação criada pela colonização, pois esses grupos eram inimigos tradicionais. Entravam em conflito sazonalmente, entre os meses de outubro e dezembro, quando os Tarairiú faziam incursões ao litoral em busca do caju e entravam em conflito com os Potiguara, falantes do Tupi<sup>130</sup>.

Nesse momento é pertinente fazer uma breve observação sobre a produção existente acerca dos Tupi e dos Tarairiú, nos registros do período colonial e no conhecimento posterior, para que se possa situar as populações indígenas abordados nesse trabalho.

### 3.1 Tupi

Os povos Tupi foram aqueles que primeiro foram contatados pelos colonizadores europeus. Isto, desde a expedição liderada por Pedro Álvares Cabral, em 1500, quando Pero Vaz de Caminha os descreveu em sua famosa carta, tratando nesse caso dos Tupinambá. Foram também os principais aliados dos portugueses desde o início das investidas coloniais. Para além disso, facções Tupi desenvolveram relações amistosas com franceses e holandeses, nos períodos de ocupações destes na América Portuguesa<sup>131</sup>.

Os Tupi foram os indígenas mais estudados por antropólogos, arqueólogos, historiadores e sociólogos, sejam brasileiros ou brasilianistas, devido ao fato de ser este o grupo indígena mais documentado, nos séculos XVI e XVII, pelos cronistas à serviço das metrópoles europeias. Além de que, foram os Tupi que mais contribuíram, junto aos portugueses e africanos, para a formação da sociedade brasileira, seja nos aspectos biológicos ou culturais<sup>132</sup>.

---

<sup>129</sup> MOREAU, Pierre; BARO, Roulox. **História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses & relação da viagem ao país dos Tapuias**. São Paulo: Editora Itatiaia, 1979. p. 97.

<sup>130</sup> MEDEIROS FILHO. Olavo. **Índios do Açu e Seridó**, 1884.

<sup>131</sup> ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil**.

<sup>132</sup> RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido de Brasil**, 1995.

São clássicos os seguintes trabalhos, os quais tratam dos Tupi: *La civilisation matérielle des tribus Tupi-Guarani*<sup>133</sup> e *A Religião dos Tupinambás e suas relações com a das demais tribus tupi-guaranis*<sup>134</sup>, de Alfred Métraux; *A Organização Social dos Tupinambá*<sup>135</sup> e *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá*,<sup>136</sup> de Florestan Fernandes; *Diários índios: os Urubu-Kaapor*,<sup>137</sup> de Darcy Ribeiro; e *Araweté: os deuses canibais*,<sup>138</sup> de Eduardo Viveiros de Castro. Esses trabalhos levam em conta, além da etnologia, os registros históricos de vários cronistas do período colonial. Os principais cronistas são, entre outros: André Thevet<sup>139</sup>, Fernão Cardim<sup>140</sup>, Gabriel Soares de Souza<sup>141</sup>, Hans Staden<sup>142</sup>, Jean de Léry<sup>143</sup> e Pero de Magalhães de Gândavo<sup>144</sup>.

Com relação à presença de grupos Tupi na Serra de Santana, no período de contato, é importante lembrar que Câmara Cascudo já havia tratado disso, abordando a história do município de Santana dos Matos. Ou seja, Cascudo adianta o que só atualmente está sendo evidenciado a partir das pesquisas arqueológicas, primeiramente por Daniel Bertrand em conjunto com Luiz Neto<sup>145</sup> e por Fabio Mafra, com Mônica Nogueira<sup>146</sup>.

---

<sup>133</sup> MÉTRAUX, Alfred. **La civilisation matérielle des tribus Tupi-Guarani**. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1928.

<sup>134</sup> MÉTRAUX, Alfred. **A Religião dos Tupinambás e suas relações com a das demais tribus tupi-guaranis**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1950.

<sup>135</sup> FERNANDES, Florestan. **A organização social dos tupinambás**. São Paulo: Progresso Editorial, 1949.

<sup>136</sup> FERNANDES, Florestan. **A Função social da guerra na sociedade Tupinambá**. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1970.

<sup>137</sup> RIBEIRO, Darcy. **Diários índios: os Urubu-Kaapor**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. Apesar de ter sido escrito entre 1949 e 1951, em forma de diário de viagem quando o autor fez duas expedições em busca dos Kaapor do Maranhão e Pará.

<sup>138</sup> VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. **Araweté: os deuses canibais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/ANPOCS, 1986.

<sup>139</sup> THEVET, André. **As Singularidades da França Antártica (1556)**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1978.

<sup>140</sup> CARDIM, Fernão. **Tratados da Terra e Gente do Brasil (1625)**. São Paulo/Brasília, Cia. Ed. Nacional/INL, 1978.

<sup>141</sup> SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo, Cia. Ed. Nacional/Edusp, 1971.

<sup>142</sup> STADEN, Hans. **Dois Viagens ao Brasil (1557)**. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1974.

<sup>143</sup> LÉRY, Jean de. **Viagem à Terra do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

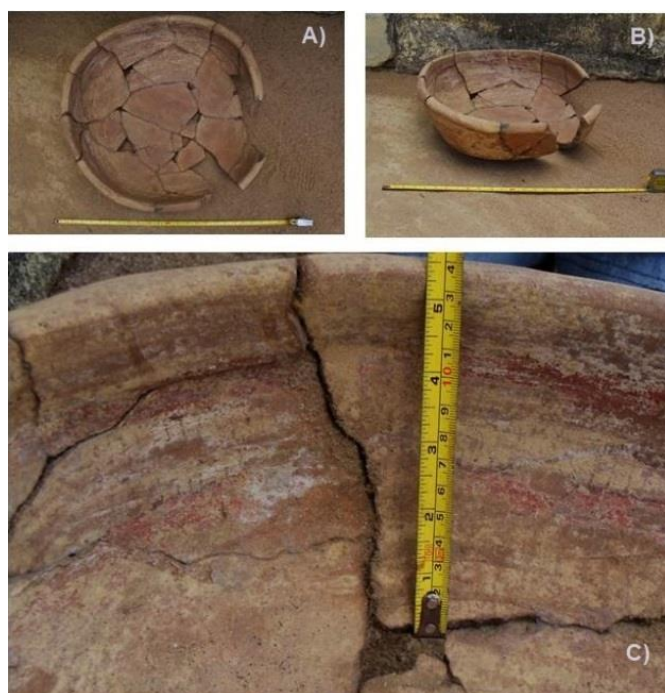
<sup>144</sup> GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. **História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil (1576)**. Recife, FUNDAJ/Massangana, 1995.

<sup>145</sup> BERTRAND, Daniel; NETO, Luiz Dutra de S. Mapeamento dos sítios arqueológicos do município de Florânia - RN.

<sup>146</sup> NOGUEIRA, Monica A. A. **A cerâmica Tupinambá na Serra de Santana – RN: o sítio arqueológico Aldeia da Serra do Macaguá – Tenente Laurentino Cruz – RN; MAFRA, Fabio; NOGUEIRA, Mônica. A cerâmica Tupinambá na Serra de Santana-RN: a cultura da floresta tropical no contexto do semiárido nordestino.**



**Figura 1** – Fragmentos cerâmicos relacionados à cerâmica Tupinambá, encontrados na superfície do sítio arqueológico Serra Nova I, Florânia-RN. Fonte: BERTRAND & NETO. 2005. p. 62.



**Figura 2** – Vasilha cerâmica encontrada pela população local, pertencente à Tradição Tupinambá. Sítio arqueológico Aldeia da Serra de Macaguá I, Tenente Laurentino Cruz-RN. Fonte: NOGUEIRA, 2011, p. 93.

Quanto à origem de grupos Tupi – relacionados à cerâmica Tupinambá – em regiões sertanejas do Seridó Potiguar, Fabio Mafra e Mônica Nogueira, propõem duas possibilidades de interpretação. (1) A primeira, dada a presença de contas de colar de vidro no sítio Macaguá I, somente poderia ser posterior ao século XVI, devido ao

desconhecimento da tecnologia vítrea pelas populações nativas. A ocupação Tupi nessa região seria então uma adaptação cultural ao ambiente de clima semiárido. (2) Já a segunda propõe um povoamento em períodos anteriores ao da colonização, seguindo uma rota de nichos ecológicos mais úmidos (brejos), preservados por condições geomorfológicas específicas, que possibilitariam a ocupação por grupos adaptados à cultura da floresta tropical<sup>147</sup>.

A primeira explicação diz respeito ao estabelecimento de grupos Tupi pelo interior da América portuguesa, em processos de fuga da colonização. Esse foi o caso dos Tupi mencionados por Baro, os quais preferiram estabelecer acordos com os Tarairiú, no interior da capitania do Rio Grande, do que ter que buscar partido com os portugueses ou holandeses, que estavam lutando na costa pela posse na colônia: “[...] eles [os Tupi] distavam muito de considerar o conflito dos brancos como seu”<sup>148</sup>. A respeito disso, em um outro momento do relato, Baro menciona que,

No dia 8 [de maio de 1647], Vvioauin<sup>149</sup> veio procurar-me e, tendo-lhe eu perguntado que fazia ele nestas matas, tão distante de nós e de seus compatriotas, respondeu-me que era por causa da guerra, mantendo-se em paz com seus vizinhos, os tapuias, e dando-lhes de boa vontade o que tinha, quando estes o vinham visitar<sup>150</sup>.

João Vvioauin era um Tupi que Baro encontrou nas proximidades da nascente do rio Monpabu<sup>151</sup>. Esse local, apesar de não estar no recorte espacial desse trabalho, encontra-se, da mesma forma, no interior da capitania do Rio Grande, o que corrobora com as informações acerca da fuga de índios Tupi das proximidades do litoral, no período colonial.

Esta evidência é plausível, uma vez que também foi observada em outras regiões da colônia, como é demonstrado por João de Azevedo Fernandes, ao apontar que diversas levas Tupinambá se deslocaram, nos séculos XVI e XVII, em direção a

---

<sup>147</sup> ALBUQUERQUE, Marcos e VELEDA, Lucena. 1991 *Apud* MAFRA, Fabio; NOGUEIRA, Mônica. A cerâmica Tupinambá na Serra de Santana-RN: a cultura da floresta tropical no contexto do semiárido nordestino.

<sup>148</sup> TEENSMA, Benjamin N. O Diário de Rodolfo Baro (1647) como Monumento aos Índios Tarairiú do Rio Grande do Norte.p. 90.

<sup>149</sup> Este sobrenome possivelmente era em Tupi e foi estropiado pelo tradutor, Pierre Moreau.

<sup>150</sup> MOREAU, Pierre; BARO, Roulox. **História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses & relação da viagem ao país dos Tapuias**. São Paulo: Editora Itatiaia. p. 95.

<sup>151</sup> MOREAU, Pierre; BARO, Roulox. Op. cit.

Amazônia e ao litoral do Maranhão, fugindo da colonização<sup>152</sup>. Algumas das quais ido mais longe, chegando até o que hoje é o Peru, na América espanhola<sup>153</sup>.

Já a segunda explicação também se adequa aos dados conhecidos acerca dos Tupi, os quais em algumas áreas do que atualmente é Nordeste do Brasil estabeleceram-se no interior semiárido, em períodos anteriores ao século XVI. O que foi atestado por sítios arqueológicos lito-cerâmicos, da subtradição Tupinambá, encontrados por Valetin Calderón nos sertões da Bahia, em finais da década de 1960 e início da de 1970<sup>154</sup>, e de Pernambuco, registrados e escavados por Marcos Albuquerque na década de 1980<sup>155</sup>. Essas ocupações de populações Tupi no que hoje é o interior nordestino podem ser rotas de povoamento/dispersão para o litoral, que no período colonial foram reocupadas, como territórios tradicionalmente conhecidos.

### 3.2 Tarairiú

Partindo da datação da língua dos Tarairiú, que foi classificada como isolada, Greg Urban<sup>156</sup> chegou a cronologias que parecem ser anteriores há sete mil anos<sup>157</sup>. Pode-se assim, inferir que estas populações já se encontravam, em períodos pré-históricos, na região em que foram contatadas, no século XVI: os sertões das capitânicas do Ceará, Paraíba e Rio Grande<sup>158</sup>.

O primeiro contato dos Tarairiú com europeus parece ter ocorrido em 1554 – de acordo com a documentação que chegou aos nossos dias<sup>159</sup> – quando quatro portugueses fizeram uma incursão ao vale do rio Seridó, habitado pelos Janduí, Canindé e Pega<sup>160</sup>.

<sup>152</sup> PORRO, Antonio. 1993 *apud* FERNANDES, João Azevedo. **De Cunhã a mameluca: a mulher Tupinambá e o nascimento do Brasil**. João Pessoa: EDUFPB, 2003.

<sup>153</sup> Idem.

<sup>154</sup> CALDERÓN, Valentin, 1967, 1969, 1971 *Apud* NOGUEIRA, Monica A. A. NOGUEIRA, Monica A. A. **A cerâmica Tupinambá na Serra de Santana – RN: o sítio arqueológico Aldeia da Serra do Macaguá – Tenente Laurentino Cruz – RN**.

<sup>155</sup> ALBUQUERQUE, 1991a, 1991b; 1991c *apud* NOGUEIRA, Monica A. A. Op. cit.

<sup>156</sup> URBAN, Greg. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas.

<sup>157</sup> As línguas isoladas revelam muito sobre o início do povoamento das áreas onde estão circunscritas. Provêm de antigas levas de povoamento que se estabeleceram, provavelmente, no local onde foram classificadas (Idem).

<sup>158</sup> BORGES, Fabio Mafra. **Os sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro: caracterização de um padrão de assentamento na Área Arqueológica do Seridó – Carnaúba dos Dantas - RN, Brasil**.

<sup>159</sup> MEDEIROS FILHO. Cronologia seridoense. **Cronologia seridoense**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt-Un Rosado, 2002.

<sup>160</sup> Além destes grupos faziam parte dos Tarairiú: os Ariú, os Janó, os Jenipapu, os Icó, os Paiacu, os Panati e os Sucuru, além daqueles que não foram descritos nos registros etnográficos (MEDEIROS FILHO. Olavo. **Índios do Açu e Seridó**, 1884; PIRES, Maria Idalina da Cruz. **Guerra dos Bárbaros: resistência**



No entanto, em nenhum momento menciona-se o fato dos mesmos pertencerem ao grupo Tarairiú, como, aliás, nunca assim foram denominados em documentos provenientes da colonização portuguesa, ou *luso-brasilica*<sup>161</sup>.

Contudo, é na documentação proveniente de funcionários da Companhia das Índias Ocidentais, que se encontram as melhores descrições dos Tarairiú. Devido ao fato de que, no período da invasão holandesa (1530-1554), esse grupo indígena foi o principal aliado dos invasores. Dada a ferocidade e belicosidade dos mesmos, características de sua cultura, os Tarairiú foram chamados pelos cronistas holandeses de “aliados infernais”<sup>162</sup>.

A primeira menção documental aos Tarairiú, propriamente dita, ocorreu na *História ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais desde o seu começo até ao fim do anno de 1636*<sup>163</sup>, quando o então diretor da Companhia das Índias Ocidentais, Joannes de Laet, faz alusão aos *Tararyuk*. Contudo, a forma mais próxima da grafia atual foi feita pelo governador da Paraíba, Elias Herckmans, em 1639, quando menciona os *Tarairyou*<sup>164</sup>. Sendo ainda acrescentado, pelo mesmo que: “[...] *Janduwy* é o rei de uma parte dela, e Caracará da outra”<sup>165</sup>.

Além de Laet e Herckmans, os Tarairiú também foram descritos por outros cronistas, entre os quais: Zacharias Wagner<sup>166</sup>, Jorge Macgrave<sup>167</sup>, Guilherme Piso<sup>168</sup>,

e conflitos no Nordeste Colonial. Recife: Secretaria de Cultura, 1990; PUNTONI, Pedro. **A Guerra dos Bárbaros**: povos indígenas e a colonização do sertão Nordeste do Brasil, 1650-1720; LOPES, Fátima Martins. **Missões Religiosas**: índios, colonos e missionários na colonização da Capitania do Rio Grande do Norte. 1999; MEDEIROS, Ricardo Pinto de. **A redescoberta dos outros**: povos indígenas do sertão nordestino no período colonial; SANTOS JÚNIOR, Valdeci dos. **Os índios Tapuias do Rio Grande do Norte**: antepassados esquecidos. 2008a; BORGES, Fabio Mafra. **Os sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro**: caracterização de um padrão de assentamento na Área Arqueológica do Seridó – Carnaúba dos Dantas - RN, Brasil).

<sup>161</sup> MACEDO, Helder Alexandre M. de. **Populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte**: história e mestiçagens. 2011.

<sup>162</sup> POMPA, Maria Cristina. **Religião como tradução**: missionários, Tupi e Tapuias no Brasil colonial, p. 228.

<sup>163</sup> LAET, Joannes de. *História ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais desde o seu começo até ao fim do anno de 1636* (1647). **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 30 (1908) p. 1–66, Rio de Janeiro, Officinas da Graphics da Bibliotheca Nacional, 1912 (Livros I–IV).

<sup>164</sup> HERCKMAN, Elias. Descrição geral da Capitania da Paraíba (1639).

<sup>165</sup> Idem. p. 279.

<sup>166</sup> WAGNER, Zacharias. **Zoobiblion** – Livro de animais do Brasil (16--). São Paulo: Revista dos Tribunais, 1964.

<sup>167</sup> MARCGRAVE, Jorge. **História natural do Brasil** (16--). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1942.

<sup>168</sup> PISO, Guilherme. **História natural e médica da Índia Ocidental (1658)**. Tradução José Honório Rodrigues. 2. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1957.

Gaspar Barleus<sup>169</sup>, Joan Nieuhof<sup>170</sup>, Pierre Moreau e, claro, o próprio Roulox Baro. Nestes relatos, dá-se ênfase aos costumes Tarairiú, como a vida nômade, as práticas guerreiras e o hábito funerário de comerem seus parentes quando estes morriam: o endocanibalismo. Além de terem sido descritos pelos cronistas, os Tarairiú foram retratados no período da invasão holandesa, sendo representativas as obras de Albert Eckhout (Fig. 03).



**Figura 3** – Obras de Allber Eckhout, à esquerda *Homem Tapuia*, e à direita *Mulher Tapuia*. Ambos de 1641. **Fonte:** CHICANGANA-BAYONA, 2008. p. 607. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/vh/v24n40/16.pdf>>. Acesso dia: 03 out. 2014.

Depois das guerras de Restauração Pernambucana, em meados do século XVII, a região banhada pelo rio Seridó, no interior da Capitania do Rio Grande, passou a ser alvo das frentes coloniais, que ali voltaram, para restabelecer a pecuária<sup>171</sup>. Nesse

<sup>169</sup> BARLÉUS, Gaspar. **História dos feitos praticados durante os oito anos no Brasil** (1647). Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1974.

<sup>170</sup> NIEUHOF, Joan. **Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil** (1682). Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981.

<sup>171</sup> PIRES, Maria Idalina da Cruz. **Guerra dos Bárbaros: resistência e conflitos no Nordeste Colonial**. Recife: Secretaria de Cultura, 1990; LOPES, Fátima Martins. **Missões Religiosas: índios, colonos e missionários na colonização da Capitania do Rio Grande do Norte**. 1999; PUNTONI, Pedro. **A Guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão Nordeste do Brasil, 1650-1720**; SANTOS JÚNIOR, Valdeci dos. **Os índios Tapuias do Rio Grande do Norte: antepassados esquecidos**. MACEDO, Helder

período começam os conflitos com os Tarairiú, por conta das doações de sesmarias, provenientes de terras tomadas dos nativos, para implantação da colonização. Os conflitos perduram nessa região por toda a segunda metade do século XVII, sendo grande a resistência dos grupos indígenas, devido sua melhor adaptação ao meio e as práticas de guerra rápida<sup>172</sup>.

Em 1687, o governador-geral do Estado do Brasil, Matias da Cunha, vendo o quão grave era a situação na Capitania do Rio Grande, convoca um Conselho de Estado, formado por teólogos, ministros, oficiais maiores e mais “sujeitos de grau”, no qual a partir de votos, os conflitos foram considerados “Guerra Justa”<sup>173</sup>. Esse era o mecanismo colonial de combater os índios que resistiam ao domínio português<sup>174</sup>.

Maria Idalina Pires, Fátima Martins Lopes e Valdecir dos Santos Júnior veem a “Guerra Justa” como um mecanismo de apreensão de escravos, na medida em que com a proibição real da escravidão indígena, somente aos grupos que fossem figurados como inimigos da Coroa poderiam ser deflagrados conflitos armados, assim como a submissão ao cativo<sup>175</sup>. Sabe-se que a escravidão indígena foi bastante incentivada pelas autoridades coloniais, em diversas partes da América Portuguesa, seja como pena para os levantados, como forma de evitar novos conflitos, ou ainda como soldo junto às terras, para aqueles que combatiam em nome da Coroa<sup>176</sup>.

Este fato pode ainda ser entendido, se for observado a situação financeira dos colonos que moravam no interior da capitania do Rio Grande, os quais não possuíam recursos para adquirir escravos africanos no mercado de Pernambuco<sup>177</sup>. Os sesmeiros chegavam a provocar os índios para que os conflitos fossem iniciados e justificada a declaração de “Guerra Justa”<sup>178</sup>.

Alexandre M. de. **Populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte: história e mestiçagens**. 2011.

<sup>172</sup> PIRES, Maria Idalina da Cruz. **Guerra dos Bárbaros: resistência e conflitos no Nordeste Colonial**. Recife: Secretaria de Cultura, 1990; LOPES, Fátima Martins. **Missões Religiosas: índios, colonos e missionários na colonização da Capitania do Rio Grande do Norte**. 1999; PUNTONI, Pedro. **A Guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão Nordeste do Brasil, 1650-1720**; SANTOS JÚNIOR, Valdecir dos. **Os índios Tapuias do Rio Grande do Norte: antepassados esquecidos**. MACEDO, Helder Alexandre M. de. **Populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte: história e mestiçagens**. 2011.

<sup>173</sup> PIRES, Maria Idalina da Cruz. Op. cit.; LOPES, Fátima Martins. Op. cit.; PUNTONI, Pedro. Op. cit.; MACEDO, Helder Alexandre M. Op. cit.

<sup>174</sup> ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil**.

<sup>175</sup> PIRES, Maria Idalina da Cruz. Op. cit.; LOPES, Fátima Martins. Op. cit. SANTOS JÚNIOR, Valdecir. Op. cit.

<sup>176</sup> ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. cit.

<sup>177</sup> SANTOS JÚNIOR, Valdecir. 2008. Op. cit.;

<sup>178</sup> Idem.

Um ano depois, em 1688, Matias da Cunha, convocou o paulista Domingos Jorge Velho, e sua tropa de mamelucos e índios, que estavam marchando em direção ao quilombo de Palmares, para lutarem contra os “Tapuias Levantados”, no Seridó e Açú. Em troca, os bandeirantes poderiam ficar com os prisioneiros para vendê-los como escravos e com parte das terras tomadas. Depois de algumas perdas, Jorge Velho derrota os Janduí no sopé da Serra da Rajada, em 1695, matando mais de quatrocentos guerreiros e fazendo escravos crianças, idosos e mulheres<sup>179</sup>.

Tais conflitos, que não aconteceram unicamente no interior da capitania do Rio Grande, tendo ocorrido dos sertões da Bahia aos do Piauí, entre os anos de 1620 e a década de 1720, ficaram conhecidos na documentação colonial por “Guerra dos Bárbaros”, e na historiografia brasileira pelo mesmo nome, ou então por “Confederação dos Cariris”<sup>180</sup>. Entretanto, esta última denominação é errônea, na medida que nunca houve uma aliança do tipo confederação entre os vários grupos indígenas para combater os colonos, da mesma forma que não foram apenas os Kariri envolvidos no conflito<sup>181</sup>. “Confederação dos Kariri”, de acordo com Pedro Puntoni, provém da tentativa, por parte de alguns historiadores – como Francisco Borges de Barros, Pedro Calmon, Gustavo Barroso, Horácio de Almeida, entre outros – de engradecer os colonizadores pelo fato de terem vencido inimigos política e militarmente organizados<sup>182</sup>.

### 3.3 A espacialidade Tupi e Tarairiú na Serra de Macaguá/Santana

Os Tupi, de acordo com a tipologia das vasilhas reconstruídas por Mônica Nogueira<sup>183</sup>, tinham sua base alimentar constituída a partir da mandioca (*Manihot esculenta*). Isso também pode ser observado na crônica de Baro: “[...] tinham plantado raízes”<sup>184</sup>, assim como, complementavam sua alimentação com “ervilhas e favas e

<sup>179</sup> MACEDO, Helder Alexandre M. de. **Populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte: história e mestiçagens.**

<sup>180</sup> PUNTONI, Pedro. **A Guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão Nordeste do Brasil, 1650-1720.**

<sup>181</sup> BORGES, Fabio Mafra. **Os sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro: caracterização de um padrão de assentamento na Área Arqueológica do Seridó – Carnaúba dos Dantas - RN, Brasil.**

<sup>182</sup> PUNTONI, Pedro. Op. cit.

<sup>183</sup> NOGUEIRA, Monica A. A. **A cerâmica Tupinambá na Serra de Santana – RN: o sítio arqueológico Aldeia da Serra do Macaguá – Tenente Laurentino Cruz – RN.**

<sup>184</sup> MOREAU, Pierre; BARO, Roulox. **História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses & relação da viagem ao país dos Tapuias.** p. 97. A mandioca ainda hoje é um dos principais itens agrícolas da Serra de Santana (INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E MEIO AMBIENTE DO RIO GRANDE DO NORTE (IDEMA); SECRETARIA DE

daquilo que encontravam nas florestas”. As “ervilhas” e “favas” apontadas por Baro, como sendo gêneros plantados pelos Tupi, deviam ser os mesmos vegetais que ainda fazem parte da cultura agrícola da Serra de Santana, a saber: feijão de corda (*Vigna unguiculata*) e fava (*Phaseolus lunatus*). Os Tupi, portanto, passavam boa parte do ano sedentários, pois a mandioca requer cerca de um ano, desde o plantio até a colheita. O fato da mandioca ser a base de subsistência da população Tupi que habitou a Serra de Santana concorda perfeitamente com os dados que se tem sobre a alimentação dos grupos portadores da subtradição ceramista Tupinambá<sup>185</sup>.

Já os Tarairiú, obtinham sua sobrevivência a partir da agricultura sazonal – do milho – da coleta de frutos e mel silvestre, da caça e da pesca<sup>186</sup>, o que pode ser observado a partir da descrição de sua cultura material, a qual menciona a existência de uma cerâmica simples e bem queimada, e a utilização de objetos líticos. Viviam em constante mudança de acampamento, contudo em um território bem definido<sup>187</sup>.

A partir das informações arqueológicas e etnohistóricas consultadas para este trabalho, chegou-se à conclusão de que a região hoje compreendida como a Serra de Santana, no contexto de contato, era ocupada na chã do maciço, pelos grupos Tupi, e na depressão sertaneja circundante, planícies e vales pelos Tarairiú.

### 3.4 Conquista e colonização da Serra de Santana, século XVIII

Voltando a enfatizar o recorte espacial proposto para este trabalho, é interessante observar que a colonização *luso-brasilica* teve início na chã da Serra de Santana somente na segunda metade do século XVIII. Foi neste período que a região foi incorporada a Ribeira do Seridó<sup>188</sup>. Sendo o principal marco temporal para tal fato o achado da “Lagoa Nova”, em 1777 – no atual município de mesmo nome. Consistia em uma fonte perene de água encontrada pela curraleira Adriana Lins de Holanda, residente

---

ESTADO DO PLANEJAMENTO E DAS FINANÇAS (SEPLAN). **Perfil do Rio Grande do Norte** – 2013. Disponível em:< <http://www.seplan.rn.gov.br/arquivos/download/PERFIL%20DO%20RN.pdf> >: Acesso dia: 06 out. 2014).

<sup>185</sup> BROCHADO, 1988 *apud* NOGUEIRA, Monica A. A. **A cerâmica Tupinambá na Serra de Santana – RN**: o sítio arqueológico Aldeia da Serra do Macaguá – Tenente Laurentino Cruz – RN.

<sup>186</sup> MEDEIROS FILHO. Olavo. **Índios do Açu e Seridó**; SANTOS JÚNIOR, Valdeci dos. **Os índios Tapuias do Rio Grande do Norte**: antepassados esquecidos.

<sup>187</sup> MEDEIROS FILHO. Olavo. Op. cit.; SANTOS JÚNIOR, Valdeci dos. Op. cit.; BORGES, Fabio Mafra. **Os sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro**: caracterização de um padrão de assentamento na Área Arqueológica do Seridó – Carnaúba dos Dantas - RN, Brasil;

<sup>188</sup> MACEDO, Helder Alexandre M. de. **Populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte**: história e mestiçagens.

no sítio Totoró – atualmente em Currais Novos. Esta, segundo a tradição oral, teria saído em busca de fontes hídricas, com dois filhos seus e um escravo, quando assolava uma grande seca na região, quando encontrou o reservatório<sup>189</sup>.

Por essa época, segunda metade do século XVIII, os indígenas da Ribeira do Seridó já haviam sido subjugados<sup>190</sup>. Quando foi estabelecida a Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó, em 1748, selou-se a conquista daquela área tradicionalmente ocupada pelos Tarairiú.

Diferentemente desta situação, na chã da Serra de Santana a colonização foi tardia, tendo ocorrido a partir da segunda metade do século XVIII. Mesmo nesse período, ainda foram encontrados grupos nativos ocupando a serra, o que demonstra que a região possa ter servido de refúgio para que a resistência indígena lá tivesse perdurado por mais tempo. Isto é verossímil, dados os combates da “Guerra dos Bárbaros” que aconteceram em áreas hoje pertencentes ao município de Currais Novos, portanto, próximos à Serra de Santana. Um, ocorrido na Serra do Acauã, é o que apresenta melhor registro documental e foi citado por Câmara Cascudo<sup>191</sup> e por Olavo de Medeiros Filho<sup>192</sup>. É possível que os sobreviventes desse combate, como também de outros não documentados, tenham se refugiado na então Serra de Macaguá.

O difícil acesso à chã da serra e as condições ambientais que a mesma oferece<sup>193</sup>, possibilitam uma agricultura durante todo o ano – por conta do maior índice pluviométrico, ocasionado pelas suas cotas altimétricas elevadas; além da potencialização apresentada por solos mais férteis<sup>194</sup>, devido a formação sedimentar do maciço<sup>195</sup>. Isto contrasta com o que é vivenciado na depressão sertaneja circundante, onde somente é permitido o plantio sazonal, na curta estação das chuvas. A situação

<sup>189</sup> MACEDO, Helder Alexandre M. de. Histórias indígenas no sertão do Seridó (séculos XVI-XX).

<sup>190</sup> A maior parte dos guerreiros Tarairiú havia sido morta na “Guerra dos Bárbaros”, enquanto que os sobreviventes, em especial mulheres, crianças e idosos, foram transformados em escravos ou reduzidos nos aldeamentos, a partir do tratado de paz assinado pelo então principal dos Tarairiú, Canindé, com o governador do Brasil, Antonio Luís Gonçalves da Câmara Coutinho, em 1692 (PUNTONI, Pedro. **A Guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão Nordeste do Brasil, 1650-1720**).

<sup>191</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Nomes da Terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte**.

<sup>192</sup> MEDEIROS FILHO, Olavo. Notas para a História do Rio Grande do Norte. João Pessoa: Unipê, 2001.

<sup>193</sup> Com altitudes superiores a 700 metros e mata fechada, a formação vegetal presente na Serra de Santana pode ser enquadrada no que Aziz Ab’Saber chamou de refúgios ecológicos, pois se trata de remanescentes da mata atlântica em pleno sertão (AB’SABER, Aziz. Relictos, redutos e refúgios. In: \_\_\_\_\_. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 145–146).

<sup>194</sup> IDEMA, 2003 *apud* MAFRA, Fabio; NOGUEIRA, Mônica. A cerâmica Tupinambá na Serra de Santana-RN: a cultura da floresta tropical no contexto do semiárido nordestino.

<sup>195</sup> BARROS, 1998 *apud* MAFRA, Fabio; NOGUEIRA, Mônica. Op. cit.

diferenciada da Serra de Macaguá pode ter sido utilizada pelas populações Tarairiú, refugiadas da “Guerra dos Bárbaros” para a sobrevivência.

A garantia de subsistência na Serra de Santana durante o período de seca vem de antes da “Guerra dos Bárbaros”, sendo documentada já no período de ocupação holandesa, tanto no que diz respeito aos Tarairiú, assim como aos Tupi. Isso foi demonstrado por Benjamin Teensma, quando este analisou o relato de Baro<sup>196</sup>. Teensma observa o fato dessas populações terem ocupado o topo do maciço, que também se prestava como barreira natural contra os inimigos tradicionais e/ou luso-brasílicos vindos do oeste: “As [...] montanhas recebiam, durante todo o ano, o orvalho ascendente da planície circundante, de modo que sobre elas a agricultura era permanentemente possível”<sup>197</sup>.

### 3.5 Inserção dos índios na sociedade colonial da Serra de Santana, século XVIII

Com a chegada ao poder de Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, em 1750, a política metropolitana em relação aos grupos indígenas da América Portuguesa passou por profundas alterações. Os aldeamentos indígenas, que antes deviam ficar sob os cuidados dos missionários religiosos, passaram a ter uma função assimilacionista, estabelecida a partir da implantação do Diretório Pombalino (1759)<sup>198</sup>.

O objetivo do Marquês de Pombal, com a proposta assimilacionista, era transformar as aldeias em lugares portugueses e os índios em vassalos do Rei, sem distinção dos demais colonos<sup>199</sup>. Para Ricardo Pinto de Medeiros, o fito do Diretório Pombalino era civilizar os índios, através da integração imediata na sociedade colonial, o que contrasta com os objetivos dos aldeamentos jesuíticos anteriores, que eram segregacionistas<sup>200</sup>. Antes de 1759 as aldeias tinham a característica de deixar os índios nas margens da sociedade colonial, apesar de recorrer-se a eles para o suprimento da mão-de-obra necessária às lavouras (seja as de exportação ou de subsistência); ou ainda,

---

<sup>196</sup> TEENSMA, Benjamin N. O Diário de Rodolfo Baro (1647) como Monumento aos Índios Tarairiú do Rio Grande do Norte.

<sup>197</sup> TEENSMA, Benjamin N. O Diário de Rodolfo Baro (1647) como Monumento aos Índios Tarairiú do Rio Grande do Norte. p. 81 – 99.

<sup>198</sup> ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil**.

<sup>199</sup> Idem.

<sup>200</sup> MEDEIROS, Ricardo Pinto de. **A redescoberta dos outros: povos indígenas do sertão nordestino no período colonial**.

quando eram precisos soldados para defender a colônia dos grupos indígenas hostis ou dos inimigos estrangeiros<sup>201</sup>.

Para nosso recorte espacial, o Diretório Pombalino implicou no encobrimento das classificações étnicas dos índios que habitavam aquele espaço, sendo este um dos principais desdobramentos sociais advindos da implantação do mesmo. Isso foi apontado por Ricardo Pinto de Medeiros, quando ele tratou de todo o sertão nordestino<sup>202</sup>.

Como não há registros de aldeamentos indígenas na Serra de Santana os grupos ou indivíduos ameríndios que resistiram aos conflitos da “Guerra dos Bárbaros” devem ter sido inseridos na população colonial por outras formas, que não o aldeamento: escravização, mestiçagem e fuga foram o destino da população nativa da Freguesia da Senhora Santana do Seridó, de acordo com Helder Macedo<sup>203</sup>. Fátima de Martins Lopes<sup>204</sup>, que fez o trabalho mais completo acerca dos aldeamentos no Rio Grande, mostra a existência de apenas uma Vila de Índios no sertão desta capitania, na segunda metade do século XVIII: a Vila de Porto Alegre, próxima ao rio Mossoró, na atual Mesorregião do Oeste Potiguar<sup>205</sup>. A Vila de Porto Alegre tinha como aldeados os índios Paiacu, derrotados na Guerra dos Bárbaros, transferidos para lá da antiga aldeia do Apodi, em 1761, por conta das queixas dos colonos de roubos ao gado e plantações<sup>206</sup>.

Deve ser evidenciado que no século XVIII os índios que sobreviveram a Guerra dos Bárbaros na Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó, estavam passando por um processo de mestiçagem colonos, fazendo parte de uma sociedade sertaneja em formação<sup>207</sup>.

Por essa época, um caso no nosso recorte espacial chama atenção: o de Luísa, índia que viveu as margens do rio que leva seu nome, no atual município de São

---

<sup>201</sup> ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Op. cit.

<sup>202</sup> MEDEIROS, Ricardo Pinto de. Op. cit

<sup>203</sup> MACEDO, Helder Alexandre M. **Outras famílias do Seridó**: genealogias mestiças no sertão do Rio Grande do Norte (Séculos XVIII - XIX). 2013. 362 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de pós-graduação em História, UFPE, Recife, 2013.

<sup>204</sup> LOPES, Fátima Martins. **Em nome da liberdade**: as vilas de índios do Rio Grande do Norte sob o Diretório Pombalino no século XVIII. Op. cit.

<sup>205</sup> INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E MEIO AMBIENTE DO RIO GRANDE DO NORTE (IDEMA); SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E DAS FINANÇAS (SEPLAN). **Perfil do Rio Grande do Norte** – 2013.

<sup>206</sup>

<sup>207</sup> MACEDO, Helder Alexandre M. **Outras famílias do Seridó**: genealogias mestiças no sertão do Rio Grande do Norte (Séculos XVIII - XIX). Op. cit.



Vicente<sup>208</sup>. Esta índia, segundo Câmara Cascudo: “[...] falecida muito antes de 1726 [...]”,<sup>209</sup> teria sido peça fundamental na consolidação da pecuária local<sup>210</sup>. Fazendo uso da História Oral, Francisca Araújo e Francivalda Alves trazem um relato de Metódio Fernandes<sup>211</sup>, onde são corroboradas as informações de Cascudo, acerca da participação de Luísa no estabelecimento da criação de gado nas terras onde hoje é São Vicente,

Luísa era uma negra velha que residia na área designada de Saco da Luísa em sua homenagem. A negra escrava conquistara o respeito e a confiança de todos. Era uma espécie de informante. Pessoas que vinham de outras áreas à procura de informações sobre a localização de seus rebanhos de gado perdidos, chegando aqui, logo procuravam por Luísa. Eis porque a área ficou conhecida por Saco da Luísa. A negra servia na apartação e pastoreio de gado. Tinha a confiança dos fazendeiros das regiões vizinhas<sup>212</sup>.

Em outro trecho, o relator enfatiza o mesmo assunto, tomando por base uma história que seu avô, Manoel Fernandes, contava:

Um dia a negra veio na fazenda do meu avô avisar que as onças estavam atacando os rebanhos de animais. Ela não estava encontrando meio de rebatê-las. Mesmo fazendo fogueiras à noite, não era suficiente. Então meu avô juntou os fazendeiros do local e contrataram um matador de onça de nome Miguelão que morava nas ribanceiras do rio Piranhas no município de Caicó. Para cá ele veio, ficando por vários dias. Dormia nas furnas, armava aratacas de pedras e dava tiros que estrondavam nas serras. Havia muitos cachorros com ele. Tudo isso era feito com a ajuda da negra que conhecia todas as grutas das serras<sup>213</sup>.

---

<sup>208</sup> Sendo em São Vicente a história de Luísa muito presente na memória local. Por meio tanto da tradição oral, quanto da toponímia: o rio Luíza, como já foi visto, o sítio Saco da Luíza, e Palácio da Luíza para o atual prédio da prefeitura.

<sup>209</sup> O mesmo preferiu a denominar por Luísa (CASCUDO, Luís da Câmara. **Nomes da Terra**: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte). Enquanto que, atualmente os locais nominados em homenagem à índia são Saco da Luíza, Rio Luíza e Palácio da Luíza, em São Vicente.

<sup>210</sup> ALVES, Francivalda Vicente da Silva; ARAÚJO, Francisca das Chagas de Souza O. **Evolução urbana de São Vicente**.

<sup>211</sup> Metódio Fernandes foi um político que enquanto vivo teve muita representatividade em São Vicente, sendo o primeiro prefeito da cidade, em 1955 e por mais dois mandatos. Era membro de uma família com grandes posses de terras no município, sendo, de acordo com seu próprio testemunho, descendente dos curraleiros pioneiros na ocupação pecuarista local.

<sup>212</sup> ALVES, Francivalda Vicente da Silva; ARAÚJO, Francisca das Chagas de Souza O. **Evolução urbana de São Vicente**.

<sup>213</sup> ALVES, Francivalda Vicente da Silva; ARAÚJO, Francisca das Chagas de Souza O. **Evolução urbana de São Vicente**.

A partir da citação podemos observar que a ideia de índio igual a negro – da terra<sup>214</sup> – ainda estava presente no relato. Pois o narrador utiliza este adjetivo quando se refere a Luísa. Talvez essa denominação diga respeito ao fato da mesma ter sido escravizada. Caso provável, na medida em que, uma das penas aos índios sobreviventes das “guerras-justas” – nesse caso a “Guerra dos Bárbaros” – era o cativo, como já visto.

O próprio fato de Luísa ajudar na lida com o gado pode também evidenciar o que estamos propondo, pois segundo Darcy Ribeiro, grande parte dos vaqueiros eram mestiços (mamelucos). Desses, pode-se conjecturar que faziam parte índios livres e escravos. Outro ponto a ser considerado é que atualmente em São Vicente a memória coletiva designa Luísa como índia e não negra – como quis a voz dissonante de Metódio Fernandes.

Outra hipótese, acerca da condição social de Luíza, foi lançada por Helder Macêdo: a de que esta índia seria a filha – que a documentação não menciona quem seja – do chefe indígena do Pericô<sup>215</sup>. De acordo com este historiador, no final do século XVII, quatro pessoas receberam terras do governador da capitania da Paraíba<sup>216</sup>, sendo: Pascácio de Oliveira Lêdo, Sebastião da Costa, a índia Inêz Ferreira e a filha do chefe indígena Pericô<sup>217</sup>. Para sustentar sua hipótese, Helder Macedo propõe os seguintes argumentos: (1) o período em que Luiza viveu, foi o mesmo de Inêz Ferreira – consequentemente o mesmo da concessão das terras; (2) o nome dado anteriormente ao Saco da Luiza era, como já foi observado, “Milharadas do Gentio” – tal denominação condiz com as informações acerca das práticas agrícolas dos Tarairiú; e (3) a localidade Pericô fica atualmente situado no município de Santana do Matos, próxima a São Vicente e, consequentemente, ao Saco da Luiza.

No entanto, isto são hipóteses que precisam ser verificadas de forma objetiva. Contudo, não é objetivo deste trabalho conhecer a condição social ou o grupo étnico ao qual Luíza pertencia. O que se buscou foi evidenciar a inserção dessa personagem

---

<sup>214</sup> *Negro da terra*: conceito tomado de empréstimo de John Manuel Monteiro para explicar o fato de Luísa ser índia e chamada de negra (MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra**: índios, bandeirantes nas origens de São Paulo).

<sup>215</sup> MACEDO, Helder Alexandre M. **Outras famílias do Seridó**: genealogias mestiças no sertão do Rio Grande do Norte (Séculos XVIII - XIX).

<sup>216</sup> O fato das terras terem sido recebidas da capitania da Paraíba demonstra a fluidez que caracterizavam as fronteiras nesse espaço no período colonial, na medida em que os colonos muitas vezes desconheciam se estavam numa ou em outra capitania (Idem).

<sup>217</sup> MACEDO, Helder Alexandre M. **Outras famílias do Seridó**: genealogias mestiças no sertão do Rio Grande do Norte (Séculos XVIII - XIX).

nativa na sociedade colonial, seja como escrava, vaqueira ou proprietária. Luíza é apenas um testemunho que ficou salvo na documentação devido sua importância: uma provável mulher indígena que agiu no nosso recorte espacial, entre os séculos XVII e XVIII, como agente social em consonância com a nova ordem estabelecida.

Partindo do caso de Luíza, pode-se observar que a “guerra-justa” não foi condição para o extermínio total das populações indígenas. Pois, seja por meio de alianças, assimilação ou mesmo da escravidão, nem todos os indivíduos nativos foram mortos<sup>218</sup>.

A ideia de “guerra-justa” ser igual a extermínio vem sendo contestada nos últimos anos pelos historiadores que tem como foco a História Indígena da região Nordeste do Brasil, em especial por aqueles que trabalham com a “Guerra dos Bárbaros”<sup>219</sup>. Isso se deu a partir da releitura de fontes analisadas por historiadores tradicionais, ou ainda por documentos só agora consultados e aportes teórico-metodológicos recentes<sup>220</sup>. Contudo, nas décadas de 1950 e 1960, Studart Filho já percebia o que passou a ser evidenciado a partir da década de 1990: a ideia de que a “Guerra dos Bárbaros” não provocou a extinção dos grupos indígenas nela envolvidos, mas sim, o aldeamento e/ou a escravidão<sup>221</sup>.

### 3.6 Encobrimento e “desaparecimento”

O encobrimento indígena resultante das políticas pombalinas, foi pesquisado por Ricardo Pinto de Medeiros, quando foram estudadas as populações nativas do que atualmente é o sertão nordestino, no período colonial<sup>222</sup>. Foi evidenciado que a

---

<sup>218</sup> ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil**.

<sup>219</sup> Trabalhos que estão inseridos nesta lista são os já citados: PIRES, Maria Idalina da Cruz. **Guerra dos Bárbaros: resistência e conflitos no Nordeste Colonial**. 1990. Op. cit.; LOPES, Fátima Martins. **Missões religiosas: índios, colonos e missionários na colonização do Rio Grande do Norte**. 1999; MACEDO, Helder Alexandre de M. **Populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte: história e mestiçagens**; MACEDO, Helder Alexandre M. **Outras famílias do Seridó: genealogias mestiças no sertão do Rio Grande do Norte (Séculos XVIII – XIX)**.

<sup>220</sup> ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil**.

<sup>221</sup> STUART FILHO, Carlos. Resistência dos indígenas à conquista e povoamento da terra: a "Guerra dos Bárbaros" [1]. 1959; STUART FILHO, Carlos. Resistência dos indígenas à conquista e povoamento da terra: a "Guerra dos Bárbaros" [2]. 1961; STUART FILHO, Carlos. Resistência dos indígenas à conquista e povoamento da terra: a "Guerra dos Bárbaros" [3]. 1965.

<sup>222</sup> MEDEIROS, Ricardo Pinto de. **A redescoberta dos outros: povos indígenas do sertão nordestino no período colonial**.

diversidade étnica ficou reduzida em classificações simplistas e dicotômicas, como, Tupi: índios aliados, e Tapuias: índios inimigos<sup>223</sup>.

Um alvará do período pombalino, de catorze de abril de 1755 incentivava o casamento de vassallos do Reino e da colônia na América com índios e índias, na medida em que “[...] não ficarão com infâmia alguma, antes se farão dignos da atenção real e serão preferidos nas terras em que se estabelecerem e para os lugares e ocupações que couberem na graduação de suas pessoas”<sup>224</sup>. Além disso, eram proibidos aos vassallos casados com índias, ou seus descendentes, que fossem tratados como caboclos, ou coisa semelhante, que refletisse em injúria<sup>225</sup>.

O encobrimento também pode ser observado na região da Serra de Santana. Os dois grupos étnicos, *brasilianos* (Tupi) e *tapuia* (Tarairiú), mencionados pelo cronista Roulox Baro quase que desaparecem na produção historiográfica posterior. Os índios agora são, na grande maioria das vezes, classificados apenas como *Kariri* – um equívoco; quando não, são chamados simplesmente de índios (Capítulo 1), o que esconde toda a diversidade étnica, inclusive dos Tarairiú, que como visto se dividiam em vários grupos.

Além do encobrimento pode ser observado também na produção historiográfica acerca da Serra de Santana, aquilo que Maria Sylvia Porto Alegre denominou de “desaparecimento”<sup>226</sup>. Ou seja, os índios continuavam presentes, contudo, não mais na produção historiográfica, ainda mais daquela provinda de autores tradicionais. Estes autores, herdeiros dos métodos analíticos do século XIX e XX, não veem/viam os índios como sujeitos ativos, participantes da história. Este é o caso da maior parte da historiografia acerca dos municípios que compõem a região da Serra de Santana, a qual foi feita por regionalistas ou eruditos locais.

Da mesma forma, domina, como já se disse, na historiografia regional e local, a noção de que a “Guerra dos Bárbaros” culminou no extermínio total das populações indígenas, enquanto que a tradição oral local, o próprio fenótipo da população atual e as pesquisas historiográficas recentes, contrastam com isto. A tradição oral, preservada pelos descendentes dessas populações nativas, está permeada pelas histórias “[...] das caboclas-brabas, índias que sobreviveram ao processo depopulativo das Guerras dos

<sup>223</sup> MEDEIROS, Ricardo Pinto de. **A redescoberta dos outros**: povos indígenas do sertão nordestino no período colonial.

<sup>224</sup> NAUD, Lêda Maria Cardoso, 1971. p. 255 *apud* MEDEIROS, Ricardo Pinto de. **A redescoberta dos outros**: povos indígenas do sertão nordestino no período colonial. p. 182.

<sup>225</sup> *Idem*.

<sup>226</sup> PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. *Cultura e História: sobre o desaparecimento dos povos indígenas*.

Bárbaros [...] docilizadas por vaqueiros e sesmeiros, [que] acabaram tornando-se suas esposas ou amásias [...]”<sup>227</sup>.

A documentação evidenciada por Helder Macedo tem demonstrado que em pleno século XIX ainda existiam pessoas designadas pela fontes provenientes da igreja católica como “índio” e “índia”, no nosso recorte espacial<sup>228</sup>. Como foram os casos da índia Joana da Rocha, que compareceu à Capela do Acari em 1802 para sepultar o filho, Alexandre; Maria do Carmo e Joana Tavares, as quais tiveram suas filhas batizadas, Rita e Angélica respectivamente, no Totoró, em 1815. Sendo inclusive Joana Tavares moradora no platô da Serra de Santana<sup>229</sup>.

É pertinente, por fim, observar que no século XIX a designação de “índio” vai gradativamente sendo substituída pela de “caboclo”, na documentação oficial das autoridades provinciais do Norte<sup>230</sup>. Sendo efetivado, portanto, o projeto pombalino de assimilação dos grupos indígenas, por meio do encobrimento e do “desaparecimento”. Tirando, dessa forma, as possibilidades de uma efetiva contagem e identificação dos índios do Sertão do Seridó no Recenseamento Geral do Império do Brasil, de 1872, e no de 1890 já na República, uma vez que não foi utilizado o designativo “índio”<sup>231</sup>.

---

<sup>227</sup> MACEDO, Helder Alexandre M. de. Histórias indígenas no sertão do Seridó (séculos XVI-XX). p. 13.

<sup>228</sup> MACEDO, Helder Alexandre M. **Outras famílias do Seridó**: genealogias mestiças no sertão do Rio Grande do Norte (Séculos XVIII – XIX).

<sup>229</sup> MACEDO, Helder Alexandre M. **Outras famílias do Seridó**: genealogias mestiças no sertão do Rio Grande do Norte (Séculos XVIII – XIX).

<sup>230</sup> MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. 1998 *apud* MACEDO, Helder Alexandre M. de. Histórias indígenas no sertão do Seridó (séculos XVI-XX).

<sup>231</sup> MACEDO, Helder Alexandre M. de. Histórias indígenas no sertão do Seridó (séculos XVI-XX).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, o seguinte questionamento foi levantado: quais e quantos grupos indígenas ocupavam os territórios atualmente correspondentes a região da Serra de Santana, no período em que os europeus iniciaram o processo de colonização desta região, em meados do século XVII até o século XVIII? Como hipótese, foi estabelecido que os grupos indígenas que povoaram a região eram os Tupi, bem como os Tarairiú.

As populações mais antigas seriam os Tarairiú, possivelmente descendentes dos primeiros grupos que povoaram a região, há pelo menos 10.000 anos, como propõe o estudo linguístico Greg Urban<sup>232</sup>, assim como Fabio Mafra Borges<sup>233</sup> – partindo da similaridade entre a cultura material Tarairiú com os dados levantados em mais de vinte anos de pesquisas na área arqueológica do Seridó (citado no *Capítulo 1*). Enquanto que sobre a presença dos Tupi, naquela região, dispõe-se de duas possibilidades de interpretação<sup>234</sup>: (1) teriam sido empurrados para o sertão em virtude da presença dos colonizadores *luso-brasílicos*, que se estabeleceram no litoral potiguar a partir do século XVI; ou (2) seriam decorrentes de um povoamento mais antigo, que teria seguido rotas de migração, as quais apresentavam condições ambientais que possibilitariam o estabelecimento de grupos adaptados à cultura da floresta tropical<sup>235</sup>.

Tomando por base uma vasta bibliografia acerca do contato euro-indígena no que atualmente é o sertão nordestino – seja no período holandês ou na chamada “Guerra dos Bárbaros” – pôde-se depreender que nossa hipótese estava correta. Pelo menos dois grupos indígenas ocupavam o recorte espacial estabelecido, quando dos primeiros contatos: sendo justamente os Tupi e os Tarairiú – diferentemente da versão tradicional a qual aponta que eram Kariri.

Contudo, essa História Indígena foi ofuscada. A temática dos grupos nativos da Serra de Santana passou pelo processo de encobrimento e de “desaparecimento” historiográfico, que se refletem na pouca ou nenhuma menção aos indígenas na literatura local e regional.

---

<sup>232</sup> URBAN, Greg. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas.

<sup>233</sup> BORGES, Fabio Mafra. **Os sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro:** caracterização de um padrão de assentamento na Área Arqueológica do Seridó – Carnaúba dos Dantas - RN, Brasil.

<sup>234</sup> MAFRA, Fabio; NOGUEIRA, Mônica. A cerâmica Tupinambá na Serra de Santana-RN: a cultura da floresta tropical no contexto do semiárido nordestino.

<sup>235</sup> Idem.

Esse pode ser o resultado de uma historiografia “branqueadora”, que quis e quer além de negar nossas raízes culturais e biológicas indígenas, também apagar o passado sangrento, imprescindível para a efetivação da conquista e do povoamento colonial não só da Serra de Santana, mas de quase toda a região que depois viria a ser o sertão nordestino.

Esperamos com esse trabalho pôr em prática nas escolas dos municípios que compõem a Serra de Santana a Lei 11.645/2008<sup>236</sup>, para que as novas gerações possam ter mais conhecimento sobre as populações indígenas que ocuparam a região, as quais estão presentes na tradição oral, e em seus genes.

A partir das primeiras constatações surgiram novos questionamentos, que serão deixados em aberto, para o andamento de pesquisas futuras. (1) A ocupação Tupi na Serra de Santana é do período colonial, apenas, ou se configura como reocupação de espaços ancestrais, antigas rotas de povoamento? E (2) se o território foi tradicionalmente ocupado pelos Tarairiú, por mais ou menos sete mil anos, porque não se encontram vestígios arqueológicos relacionados a essa população nas chãs da Serra de Santana?

---

<sup>236</sup> A qual torna obrigatório o ensino da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados (BRASIL. **Lei nº 11.645 (2008)**. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm) :>. Acesso dia: 14 ago. 2015).





**FONTES**

MOREAU, Pierre; BARO, Roulox. **História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses & relação da viagem ao país dos Tapuias**. São Paulo: Editora Itatiaia, 1979.

BARLÉUS, Gaspar. **História dos feitos praticados durante os oito anos no Brasil (1647)**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP. 1974.

CARDIM, Fernão. **Tratados da Terra e Gente do Brasil (1625)**. São Paulo/Brasília, Cia. Ed. Nacional/INL, 1978.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. **História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil (1576)**. Recife, FUNDAJ/Massangana, 1995.

PISO, Guilherme. **História natural e médica da Índia Ocidental (1658)**. Tradução José Honório Rodrigues. 2. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1957.

HERCKMAN, Elias. Descrição geral da Capitania da Paraíba (1639). **Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano**, Tomo V, n. 31, p. 239-288. Recife: Typographia Industrial, 1886

LAET, Joannes de. História ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentais desde o seu começo até ao fim do anno de 1636 (1647). **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 30 (1908) p. 1-66, Rio de Janeiro, Officinas da Graphicas da Bibliotheca Nacional, 1912 (Livros I-IV).

LÉRY, Jean de. **Viagem à Terra do Brasil [?]**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

NIEUHOF, Joan. **Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil (1682)**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981.

MARCGRAVE, Jorge. **História natural do Brasil (16--)**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1942.

SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo, Cia. Ed. Nacional/Edusp, 1971.

STADEN, Hans. **Duas Viagens ao Brasil (1557)**. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1974.

THEVET, André. **As Singularidades da França Antártica (1556)**. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1978.

WAGNER, Zacharias. **Zoobiblion – Livro de animais do Brasil (16--)**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1964.

## REFERÊNCIAS

### 1 LIVROS E CAPÍTULOS DE LIVROS

AB'SÁBER, Aziz. Relictos, redutos e refúgios. In: \_\_\_\_\_. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 145 –146.

ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de história colonial e caminhos antigos e povoamento do Brasil**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ALVES, Celestino. **Retoques da história de Currais Novos**. Natal; Fundação José Augusto; Currais Novos: Prefeitura Municipal, 1985, p. 13 – 34.

ALVES, Celestino. **Vaqueiros e vaquejadas**. Natal: EDUFRN, 1986.

BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BARROS, José D'Assunção. **Os campos da História: especialidades e abordagens**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BROCHADO, José Proenza. What did the Tupinambá cook In their vessels? a contribution to ethnographic analogy. In: **Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB)**, v. 6, pp. 41 – 90. São Paulo: SAB, 1991.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé; Natal: Fundação José Augusto, 1984.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Nomes da Terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte**. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Notícia histórica do município de Santana do Matos**. Natal: Departamento de Imprensa, 1955.

CAVALCANTE, Thiago L. V. Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa. In: **História (São Paulo)**, v. 30, n. 1. Jan/jun. pp. 349-371. São Paulo: UNESP, 2011. Disponível em:<  
<http://www.scielo.br/pdf/his/v30n1/v30n1a17.pdf> :>. Acesso dia: 03 jan. 2014.

COUTINHO, Joaquim. **História de Lagoa Nova**. Tipografia Padre Ausônio, 2006.

CUNHA, Manuela C. da (org.). **História dos índios do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

FERNANDES, Florestan. **A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá**. São Paulo, Pioneira/Edusp, 1970.

FERNANDES, Florestan. **A organização social dos tupinambás**. São Paulo: Progresso Editorial, 1949.

FERNANDES, João Azevedo. **De Cunhã a mameluca: a mulher Tupinambá e o nascimento do Brasil**. João Pessoa: EDUFPB, 2003.

JOFFILY, Irenêo. **Notas sobre a Parahyba**. 2. ed. fac-similar. Brasília: Thesaurus Editora, 1977.

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. **Cerró Corá**. Natal: Fundação José Augusto; Cerro Corá: Prefeitura Municipal, 1982.

LE GOFF, Jacques; NORA, Jacques (dir.). **Faire de l'histoire: nouveaux problèmes**. Éd. Gallimard, Paris, 1974.

LIMA, Nestor. **Municípios do Rio Grande do Norte: Ceará-Mirim e Currais Novos**. v. 27/28. Natal: IHGRN, 1937.

MACEDO, Helder Alexandre M. de. Histórias indígenas no sertão do Seridó (séculos XVI-XX). In: BUENO, Almir de C. (Org.). **Revisitando a história do Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN, 2009, p. 13 – 52.

MACEDO, Helder Alexandre M. de. **Populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte: história e mestiçagens**. Natal: EDUFRN, 2011.

MARTIUS, Carl F. P. von, 1982. **Como se deve escrever a história do Brasil** (1845) In: **O Estado do Direito entre os Autóctones do Brasil**. Tradução Alberto Löfgren, São Paulo e Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1982. p. 85-107. (Série Reconquista do Brasil, n.s., 58).

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Cronologia seridoense**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt-Un Rosado, 2002.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Índios do Açu e Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1984.

MEDEIROS FILHO, Olavo. Notas para a História do Rio Grande do Norte. João pessoa: Unipê, 2001.

MÉTRAUX, Alfred. **A Religião dos Tupinambás e suas relações com a das demais tribus tupi-guaranis**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1950.

MÉTRAUX, Alfred. **La civilisation matérielle des tribus Tupi-Guarani**. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1928.

MONIOT, Henri. A história dos povos sem história. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 99 – 112.

MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra: índios, bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NOELLI, Francisco Silva. José Proenza Brochado: vida acadêmica e a arqueologia Tupi. In: PROUS, André; LIMA, Tania Andrade (orgs.). **Os ceramistas Tupiguarani**. Belo Horizonte: Sigma, 2008, p. 17-47.

PIRES, Maria Idalina da Cruz. **A Guerra dos Bárbaros: resistência e conflitos no Nordeste colonial**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2002.

PIRES, Maria Idalina da Cruz. **Guerra dos Bárbaros: resistência e conflitos no Nordeste Colonial**. Recife: Secretaria de Cultura, 1990.

POMPA, Maria Cristina. **Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuias no Brasil colonial**. Bauru: EDUSC, 2003. p. 269 – 293.

QUINTINO FILHO, Antônio. **História de Currais Novos**. 2. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

RIBEIRO, Berta G. **O índio na história do Brasil**. São Paulo: Global, 1983.

RIBEIRO, Darcy. **Diários índios: os Urubus-Kaapor**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido de Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Aryon D. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

SAMPAIO, Theodoro. **O Tupi na geographia nacional**. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, 1901.

SANTOS, Antonio Fabiano da Silva. **Sinótese da História de Cerro Corá**. Cerro Corá: Prefeitura Municipal, 2003.

SANTOS JÚNIOR, Valdeci dos. **Os índios Tapuias do Rio Grande do Norte: antepassados esquecidos**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2008.

SOARES, Iaponan. **Notas à margem da História de São Vicente**. In: ARAÚJO, Iaperi et al. *Cidade de São Vicente: vida e memória*. Natal: EDUFRN, 1997. p. 23 – 33.

SOUZA, Joabel Rodrigues de. **O tempo**. Totoró, berço de Currais Novos. Natal: EDUFRN, 2008.

TEENSMA, Benjamin N. O Diário de Rodolfo Baro (1647) como Monumento aos Índios Tarairiú do Rio Grande do Norte. In: ALMEIDA, Luiz S. de; GALINDO, Marcos e ELIAS, Juliana L. (orgs.). **Índios do Nordeste: temas e problemas 2**. Maceió: EDUFAL, 2000, p. 81 – 99.

URBAN, Greg. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CUNHA, Manuela C. (Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 87 – 102.

VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Visconde de Porto Seguro (1854-57). **História Geral do Brasil**, 7a ed., 5 vols., São Paulo e Belo Horizonte, Edusp/Itatiaia, 1980.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. **Araweté: os deuses canibais.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar/ANPOCS, 1986.

WACHTEL, Nathan. A aculturação. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas.** Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 113 – 129.

## 2 MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES

ARAÚJO, Francisca das Chagas de Souza O.; ALVES, Francivalda Vicente da Silva. **Evolução urbana de São Vicente.** 2000. 50f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2000.

BORGES, Fabio Mafra. **Os sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro:** caracterização de um padrão de assentamento na Área Arqueológica do Seridó – Carnaúba dos Dantas - RN, Brasil. 2010. 322 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de pós-graduação em Arqueologia, UFPE, Recife, 2010.

LOPES, Fátima Martins. **Missões Religiosas: índios, colonos e missionários na colonização da Capitania do Rio Grande do Norte.** 1999. 210f. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História, UFPE, Recife, 1999.

LOPES, Fátima Martins. **Em nome da liberdade: as vilas de índios do Rio Grande do Norte sob o Diretório Pombalino no século XVIII.** 2005. 700f. Tese (Doutorado em História do Brasil) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

MACEDO, Helder Alexandre M. de. **Outras famílias do Seridó: genealogias mestiças no sertão do Rio Grande do Norte (Séculos XVIII - XIX).** 2013. 362f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, UFPE, Recife, 2013.

NOGUEIRA, Monica A. A. **A cerâmica Tupinambá na Serra de Santana – RN: o sítio arqueológico Aldeia da Serra do Macaguá – Tenente Laurentino Cruz – RN.** 195 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-graduação em Arqueologia, UFPE, Recife, 2011.

PUNTONI, Pedro. **A Guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão Nordeste do Brasil, 1650-1720**. 1998. 200f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

### 3 PUBLICAÇÕES EM PERIÓDICOS E TRABALHOS EM EVENTOS

BERTRAND, Daniel; NETO, Luiz Dutra de S. Mapeamento dos sítios arqueológicos do município de Florânia - RN. In: **Mneme - Revista de Humanidades**, v. 7, n.15, pp. 49 – 87. Caicó: CERES/UFRN, 2005. Disponível em:< <http://ufrn.emnuvens.com.br/mneme/article/view/291>:>. Acesso dia: 25 out. 2013.

CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. Os Tupis e os Tapuias de Eckhout: O declínio da imagem renascentista do índio. **Varia Historia**, v. 24, n. 40, p. 591 – 612, 2008.

GALDAMES, Osvaldo Silva. ¿Etnohistoria o historia indígena? **Encuentro de Etnohistoriadores**. Santiago, Universidad de Chile, 1988, p. 7 – 9.

MAFRA, Fabio; NOGUEIRA, Mônica. A cerâmica Tupinambá na Serra de Santana-RN: a cultura da floresta tropical no contexto do semiárido nordestino. In: **Clio – Série Arqueológica**, v. 28, n. 2. S/p. Recife: Editora Universitária UFPE, 2013.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. Uma etnologia dos ‘índios misturados’? Situação colonial, territorialização e fluxos culturail. **Mana**. Estudos de Antropologia Social, 4(1): 47 – 77, 1998.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. Sobre os conceitos de etnoistória e história indígena: uma discussão ainda necessária. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa, PB. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2003. Disponível em:< <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.341.pdf> :>. Acesso dia: 03 jan. 2014.

POMPEU SOBRINHO, Thomas. Os Tapuias do Nordeste e a monografia de Elias Herckman. In: **Revista do Instituto do Ceará**, t. XLVIII, pp. 07-28. Fortaleza: 1934.

POMPEU SOBRINHO, Thomas. Os crânios da Gruta do Canastra. In: **Revista do Instituto do Ceará**, t. LVI, pp. 153-193. Fortaleza: 1942.



PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. Cultura e História: sobre o desaparecimento dos povos indígenas. **Revista de Ciências**, v. 23/24, n. 1/2, p. 213-25, 1992/1993, Fortaleza.

SANTOS JÚNIOR, Valdecir dos. Registros Rupestres na Área Arqueológica de Santana (RN). In: **Clio – Série Arqueológica**, v. 2, n. 19. pp. 195 – 208. Recife: Editora Universitária UFPE, 2005.

SANTOS JÚNIOR, Valdecir dos. As técnicas de execução das gravuras rupestres do Rio Grande do Norte. **FUMDHAMENTOS**, v.1, n. 7. pp. 516 – 528. São Raimundo Nonato: FMHA/ Centro Cultural Sérgio Motta, 2008.

STUDART FILHO, Carlos. Contribuição para a ethnologia brasileira: As tribos indígenas do Ceará . In: **Revista do Instituto do Ceará**, t. s. ed., v. 40, pp. 39-53. 1926.

STUDART FILHO, Carlos. Resistência dos indígenas à conquista e povoamento da terra: a "Guerra dos Bárbaros" [1]. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, n. 73, p. 29-70, 1959.

STUDART FILHO, Carlos. Resistência dos indígenas à conquista e povoamento da terra: a "Guerra dos Bárbaros" [2]. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, n. 75, p. 163 – 208, 1961.

STUDART FILHO, Carlos. Resistência dos indígenas à conquista e povoamento da terra: a "Guerra dos Bárbaros" [3]. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, s/p, p. 49 – 57, 1965.

#### 4 LEGISLAÇÃO

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. 2015. p. 104. Disponível em:<  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm) :>. Acesso dia: 20 jan. 2015.

BRASIL. **Lei nº 11.645 (2008)**. Disponível em:<  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm) :>. Acesso dia: 14 ago. 2015.

## 5 SÍTIOS DA INTERNET

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. **Pataxó**. Disponível em:<  
<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/pataxo>:>. Acesso dia: 09 nov. 2014.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E MEIO AMBIENTE DO RIO GRANDE DO NORTE (IDEMA); SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E DAS FINANÇAS (SEPLAN). **Perfil do Rio Grande do Norte – 2013**. Disponível em:<  
<http://www.seplan.rn.gov.br/arquivos/download/PERFIL%20DO%20RN.pdf> :>. Acesso dia: 06 out. 2014.

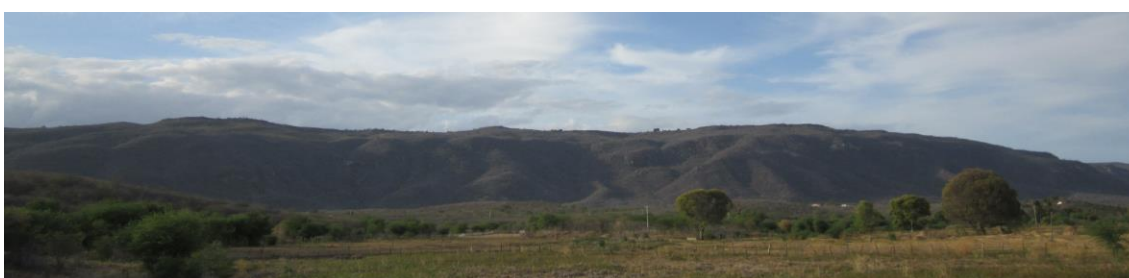
## **APÊNDICE**



**Foto 1:** Imagem da Serra de Santana e depressão sertaneja circundante. **Fonte:** Joadson Vagner Silva, 2013.



**Foto 2:** Imagem da Serra de Santana e depressão sertaneja circundante. **Fonte:** Joadson Vagner Silva, 2013.



**Foto 3:** Imagem da Serra de Santana e depressão sertaneja circundante. **Fonte:** Joadson Vagner Silva, 2013.

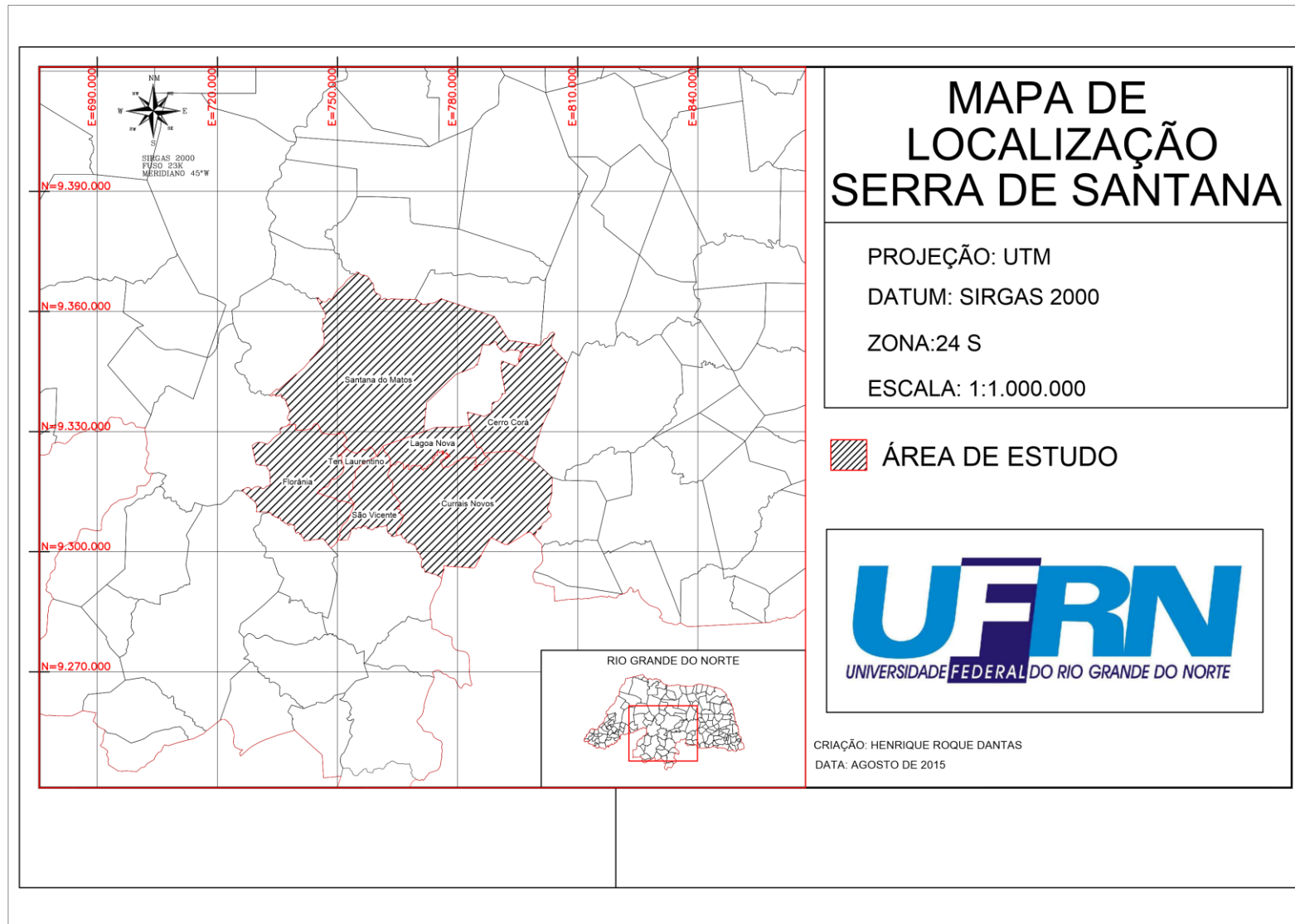


**Foto 4:** Imagem da Serra de Santana e depressão sertaneja circundante. **Fonte:** Joadson Vagner Silva, 2015.



**Foto 5:** Imagem da Serra de Santana e depressão sertaneja circundante. **Fonte:** Joadson Vagner Silva, 2015.

## ANEXOS



**Figura 1:** Mapa de localização da Serra de Santana. **Fonte:** IBGE – **Elaboração:** Henrique Roque Dantas, 2015.